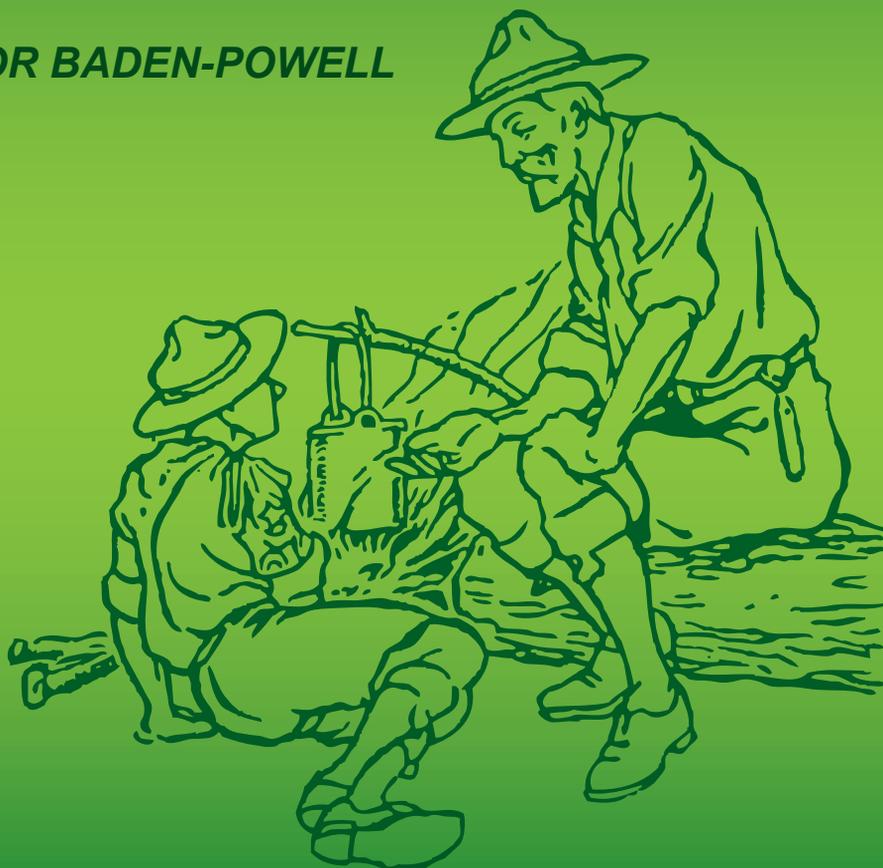


GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO

POR BADEN-POWELL



Escoteiros do Brasil
construindo um mundo melhor

GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO

*TEORIA DO PROCESSO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL DO
MOVIMENTO ESCOTEIRO*

UM SUBSÍDIO PARA A TAREFA DOS CHEFES

Por

LORD BADEN-POWELL OF GILWELL

Fundador do Movimento Escoteiro



Escoteiros do Brasil
construindo um mundo melhor

Título Original

Aids To Scoutmastership (publicado em 1920)

GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO

1ª Edição - 1948 | 2ª Edição - 1960

3ª Edição - 1967 | 5ª Edição - 2000

6ª Edição - Abril de 2013 - 1000 exemplares

4ª Reimpressão - Março de 2019 - 1000 exemplares

Tradução

Leo Borges Fortes

Notas Explicativas

Leo Borges Fortes | Altamiro Vilhena

Capa

Arte de Raphael Luis Klimavicius, baseada na capa original
desenhada por Robert Baden-Powell

Ilustrações

Robert Baden-Powell

B134

Baden-Powell, of Gilwell, Lord.

Guia do chefe escoteiro: teoria do treinamento escoteiro, um subsídio para a tarefa dos chefes/Lord Baden-Powell of Gilwell; tradução de Leo Borges Fortes; 6ª edição - Curitiba, União dos Escoteiros do Brasil, 2000

102p. : Il.

Traduzido do original inglês:

AIDS TO SCOUTMASTERSHIP

1. Escotismo. 2. Treinamento. I. União dos Escoteiros do Brasil

CDD: 369.43

Índice Sistemático

Escotismo: 369.43

Treinamento de escoteiros: 369.43

ÍNDICE

Introdução	7
Prefácio	8

PARTE 1 - COMO TREINAR O JOVEM

O Chefe Escoteiro	13
O dever do Chefe	15
Fidelidade ao Movimento	16
Uma recompensa ao Chefe	17
O Jovem	19
Ambiente e tentações	24
Sede e campo	26
Como atrair os Jovens	27
Escotismo	29
Escotismo é simples	31
O objetivo do Escotismo	31
Análise do programa do Escotismo para formar cidadãos	32
As 4 partes do treinamento Escoteiro	33
As atividades do Escotismo	34
O Espírito Escoteiro	36
O sistema de Patrulhas	39
Corte de Honra	41
Valor do sistema de Patrulhas	41
O uniforme Escoteiro	42
A tarefa do Chefe	43

PARTE 2 - DE ESCOTEIRO A CIDADÃO

Caráter	47
Porque a Tropa não tem mais de 32 Escoteiros	48
A cavalaria medieval e seu Código de Honra	49

Disciplina	51
Noção de Honra	52
Confiança em si	53
A alegria de viver	55
Mente aberta - respeito religioso	58
Respeito próprio	62
Amor e lealdade à Pátria	63
Saúde e vigor físico	65
Esteja preparado	66
Jogos organizados	68
Exercícios físicos	69
Ordem unida	70
O ar livre	73
Natação - canoagem - sinalização	77
Higiene pessoal	77
Tabagismo	81
Andar na corda bamba	82
Escoteiro com deficiência física	82
Habilidade manual e destreza	85
Pioneira, como primeiro passo	86
Certificados de eficiência	87
Espírito de investigação	89
Auto-expressão	90
Da pequena habilidade à futura profissão	92
A co-participação do Chefe	92
Os empregos	93
Serviços ao próximo	95
Egoísmo	95
Para liquidar o egoísmo, o hábito da boa ação	97
Serviço à comunidade	98
Efeitos posteriores	100
Para resumir	101

INTRODUÇÃO

Muitas vezes os escotistas, no dia a dia, se perguntam por que suas Seções não estão completas e porque os jovens não são assíduos. A resposta para solucionar esta questão é dada por Baden-Powell neste livro: conheça o jovem.

De forma clara, didática, sem científicismos, mas com um texto ainda hoje bastante atualizado, apesar de seus quase cem anos, aprendemos com o Fundador a conhecer os jovens. E ele deixa nítido que para conhecê-los, em primeiro lugar devemos escutá-los. Quais são os anseios dos nossos escoteiros? Pergunte a eles.

Se o mundo mudou nos longos anos que nos separam do lançamento do livro, em 1920, o ser humano pouco mudou, e o jovem continua buscando sua auto-afirmação e seu lugar ao sol. Em seu processo de crescimento necessita ser ouvido, apoiado, respeitado e amado - e assim aprenderá a escutar, apoiar, respeitar e amar.

Alguns trechos, de uma simplicidade óbvia, são tantas vezes esquecidos - e percebemos isso ao nosso redor, na escola, na família, na igreja e no próprio Grupo Escoteiro - que devemos ler este livro várias vezes. Relê-lo. Transformá-lo em livro de cabeceira. É um livro que se combina com nossos modernos manuais de Ramo lançados pelos Escoteiros do Brasil e que se completam com as lições de humanidade que só Baden-Powell poderia nos oferecer - e que nossos jovens merecem.

Diretoria Executiva Nacional

PREFÁCIO

Não se impressionem com o tamanho deste livro.

O escotismo não é uma ciência confusa ou difícil. É, ao contrário, um jogo divertido, se for tomado em seu devido significado. Ao mesmo tempo é educativo e, como o perdão, beneficia tanto a quem o concede como a quem o recebe.¹

O termo Escotismo presentemente significa um sistema de preparação de cidadãos, através de jogos, tanto para rapazes como para moças.

As meninas são as mais importantes, porque quando as mães de uma nação forem boas cidadãs e mulheres de caráter, elas farão certamente com que seus filhos tenham também essas qualidades.

Como estão as coisas hoje em dia, este treinamento é necessário para ambos os sexos e vem sendo realizado pelos movimentos Escoteiro e das Guias (que no Brasil adotou o nome de “Bandeirantes”). Os princípios são os mesmos; só os detalhes variam.

A. S. M. Hutchinson², em uma de suas novelas, lembra que a juventude necessita de um ambiente apropriado. Pois bem, nós temos no Escotismo esse ambiente adequado, para oferecer-lhe.

E o ambiente que Deus criou para todos: - ar livre.

- Ar livre, felicidade e capacidade de ser útil.

Na realidade o Chefe Escoteiro, ao apresentar isto à criança, está atraindo para si próprio uma parcela desta mesma felicidade e executando uma ação útil. Ele está, mesmo, realizando uma ação maior do que possivelmente tenha imaginado ao aceitar a missão, pois de fato se acha prestando um real serviço à Humanidade e a Deus.

Você ficará desapontado com este livro, se espera nele encontrar um conjunto de regras para um completo conhecimento do Escotismo.

Eu me proponho apenas a apresentar, a título de sugestão, o caminho que julgamos conduzir ao sucesso e sua justificativa.

¹ Referência a “O Mercador de Veneza” de Shakespeare (Nota do Tradutor).

² Arthur Stuart-Menteth Hutchinson (1879-1971) foi um escritor britânico, de origem escocesa. Foi um dos principais escritores da época, tendo como destaque os livros “If Winter Comes” e “This Freedom”, que ficaram entre os mais vendidos na Inglaterra e Estados Unidos.

As pessoas seguem sugestões com mais entusiasmo quando compreendem seus objetivos.

Assim, a maior parte destas páginas se ocupará mais dos objetivos que, propriamente, dos detalhes ou regras.

Elas podem ser completadas pelo leitor, conforme sua capacidade, e de acordo com as condições locais.

NadenPowell & Gilwell

PARTE 1

COMO TREINAR O JOVEM

O CHEFE ESCOTEIRO
O JOVEM
ESCOTISMO



*O Chefe Escoteiro guia o jovem
com o espírito de um irmão mais velho*

O CHEFE ESCOTEIRO

Como primeiras palavras de estímulo aos candidatos a Chefes Escoteiros, com prazer, contradigo o comum e errôneo conceito de que, para conseguir bons resultados na chefia, a gente precisa ser um “super-homem” ou um “Dr. Sabe-tudo”. Nada disso!

E preciso ser simplesmente, um adulto - criança, isto é:

1. Deverá ter a mentalidade jovial e, como primeiro passo, ser: capaz de se colocar num nível adequado aos jovens.
2. Deverá compreender as necessidades, aspirações e desejos correspondentes às diversas idades dos jovens.

3. Deverá agir mais sobre cada jovem, individualmente, do que sobre o conjunto de seção.

4. Ele, finalmente deverá, para obter melhores resultados, criar um espírito de grupo entre os indivíduos.

No que diz respeito ao primeiro item, o Chefe Escoteiro não deve agir nem como mestre-escola, nem como comandante militar, nem como líder religioso, nem como instrutor. A única coisa necessária é a aptidão para gozar a vida ao ar livre, para participar das ambições da juventude e para encontrar outras pessoas que dêem a necessária orientação e instrução (quer seja sinalização ou desenho, quer seja estudo da natureza ou pioneirismo).

Ele precisa procurar substituir o “irmão mais velho”, isto é, ver as coisas pelo mesmo prisma que os jovens e conduzi-los e guiá-los entusiasticamente pelo caminho adequado.

Como um verdadeiro irmão mais velho, ele deverá interpretar as tradições da Família Escoteira e fazê-las respeitar, mesmo que isto exija grande firmeza. E só isto! O Movimento é uma alegre fraternidade; mais alegre ainda porque no jogo do Escotismo ele estará realizando uma grande obra para os outros e combatendo o desenvolvimento do egoísmo.

Em relação ao segundo item, existem diversos livros que abrangem as fases sucessivas da adolescência.

Sobre o terceiro item, a tarefa do Chefe Escoteiro (que é verdadeiramente interessante) consiste em explorar o íntimo de cada jovem, descobrir sua personalidade para então encontrar e desenvolver o que é bom, reduzindo o que tiver ruim. Há cinco por cento de bom mesmo na pior pessoa. O desafio é encontrar o aspecto bom e desenvolvê-lo até uns 80 ou 90 por cento. Isto é educação em vez de instrução das mentes juvenis.

A respeito do quarto item, no treinamento escoteiro, o Sistema de Patrulhas ou “turmas” exprime coletivamente o treinamento individual e permite a aplicação prática do que o jovem aprendeu.

O sistema de patrulhas tem também um grande valor no desenvolvimento do caráter, se for corretamente empregado. Ela leva cada um a notar que tem uma parcela individual de responsabilidade, pelos resultados de sua Patrulha. Faz com que cada Patrulha sinta que tem uma responsabilidade definida, pelo bem da Tropa. Empregado o Sistema de Patrulha, o Chefe poderá transmitir

não somente instrução, mas também ideias e opiniões sobre as tendências e conduta moral de seus escoteiros. Por esse meio, os próprios escoteiros vêm a perceber, gradualmente, que são os responsáveis pelas ações da tropa.

É o Sistema de Patrulha que “forma” a Tropa, e todo o Escotismo consiste e se apoia num real esforço de cooperação.

O DEVER DO CHEFE

O sucesso no treinamento do jovem depende sobretudo e essencialmente do próprio exemplo pessoal do Chefe.

E fácil que o jovem veja o chefe como o irmão mais velho e até mesmo um herói. Tendemos a esquecer, ao crescermos, da grande capacidade do jovem de admirar os heróis.

O chefe escoteiro, sendo um herói para os jovens, maneja uma arma poderosa para o desenvolvimento deles, mas ao mesmo tempo assume uma grande responsabilidade. Os jovens são bastante perspicazes para perceberem e notarem os mínimos detalhes de seu caráter, quer sejam eles qualidades e virtudes, quer sejam vícios e defeitos.

Seus modos serão também os deles. Suas atitudes corteses, suas bruscas irritações, sua radiante felicidade ou seu impaciente arrebatamento, seu pronto controle ou disciplina, suas pequenas quebras nos padrões morais, tudo enfim, não só será observado, como também imitado pelo seu séquito.

Portanto, para induzi-los a cumprir a Lei Escoteira e tudo que nela repousa, o Chefe deve, ele próprio, cumprir escrupulosamente seus preceitos em cada detalhe de sua vida quotidiana. Com alguma palavra de esclarecimento, os jovens seguirão.

O trabalho de chefe é como nadar, colher ou pescar. Se você quiser “dar um aperto” e ir “de uma só arrancada”, certamente não chegará ao fim. E preciso fazê-lo suavemente, como prazer e alegria. Mas você terá que agir e “tocar para frente”. Não adianta ficar parado no meio do caminho. É uma coisa ou outra! Que seja pois: avançar ... com um sorriso nos lábios!...

FIDELIDADE AO MOVIMENTO

O Chefe deve lembrar-se que, além do dever para com os jovens, ele tem também dever para com o Movimento, como entidade coletiva.

Nossos ideais de transformar os jovens em bons cidadãos repercutem em benefício da própria Pátria, que contará com cidadãos dignos de confiança. Seus laços de amizade e o espírito de compartilhar a alegria de viver manterão o País unido internamente e em paz com os vizinhos no estrangeiro.

Assumindo a missão de ensinar autodisciplina e abnegação, os Chefes Escoteiros (que as praticam como exemplo), estarão naturalmente acima das mesquinhas pessoais, e devem ter visão ampla. Esta ampla visão permitir-lhes-á submeter suas próprias opiniões pessoais a uma política de coletividade, na verdade muito mais elevada que as individuais.

Cabe-lhes ensinar os jovens a respeitarem (em quaisquer situações e ocasião) “as regras do jogo”. Como os tijolos em uma parede, cada um tem o seu lugar, os Chefes também têm o seu.

Cada um tem demarcada a sua esfera de atribuições e quanto mais se devotarem a ela, melhor os escoteiros lhe corresponderão.

É, portanto, somente olhando para os mais elevados objetivos do Movimento que se pode ver os detalhes do trabalho de cada dia, em sua verdadeira proporção. Estes detalhes, para serem sentidos em sua verdadeira grandeza, devem ser avaliados por seus efeitos no futuro e por prazo nunca inferior a 10 anos. Esta é a real unidade de medida que deve ser usada no Movimento.

Quando um chefe, por questão de consciência, não pode se manter dentro de suas diretrizes traçadas, necessariamente sua atitude mais nobre é submeter o caso diretamente ao seu Comissário¹ ou a sua entidade; se não for possível chegar a um acordo de opiniões, o melhor que se pode fazer é abandonar a tarefa. Ele entrou para o Movimento espontaneamente e de olhos bem abertos. Não é justo que depois, por não lhe terem agradado algumas coisas ou detalhes, queira queixar-se da organização ou da entidade e responsabilizá-las.

¹ Antigo cargo de dirigentes no Movimento Escoteiro. Dentre outros haviam os Comissários Distritais e os Comissários Regionais, cuja função seria aproximadamente a que hoje ocupam os Diretores Técnicos.

Felizmente em nosso Movimento, pela descentralização e pela autoridade e apoio dado às entidades locais, evitamos muito protocolo e burocracia, as quais têm sido motivo de queixas e aborrecimentos em tantas outras organizações.

Nós temos, também, a felicidade de possuir um corpo de chefes que encara as coisas com ampla visão e que, em geral, guarda grande fidelidade ao Movimento.

UMA RECOMPENSA AO CHEFE

Uma vez um homem teve a petulância de dizer-me que era a pessoa mais feliz do mundo! Eu tive que responder-lhe que havia alguém ainda mais feliz do que ele, e esse alguém era eu!

Você não deve pensar que nenhum de nós não tenha tido suas dificuldades a vencer, para atingir essa felicidade. Muito ao contrário! É, porém, a satisfação de ter enfrentado dificuldades, suportando golpes e vencido reveses que completa o prazer dessa vitória.

Não queira que sua vida seja um mar de rosas. Se assim fosse, ela não teria graça.

Lidando com escoteiros você terá, também, desapontamentos e desgostos. Seja paciente: mais gente destrói seu trabalho ou carreira por falta de paciência do que pela bebida ou outros vícios.

Você terá, muitas vezes, que suportar pacientemente críticas irritantes e formalidades (algumas bem grandes), mas... sua recompensa virá afinal.

A satisfação que resulta de cada um ter tentado cumprir abnegadamente seu dever, e ter desenvolvido o caráter nos jovens (o que certamente vai ajudá-los a ser melhores) é uma recompensa tão grande que, absolutamente, não pode ser descrita.

O fato de se ter contribuído para impedir a reincidência em erros que, se fossem deixados se espalhar, rapidamente corromperiam nossa juventude, dá a uma pessoa o sólido conforto de ter, de algum modo, trabalhado por seu país, por mais modesta que possa ser a sua condição social.

É este o espírito com o qual trabalham chefes, comissários, dirigentes, instrutores, organizadores, presidentes, etc., no Movimento Escoteiro. As denominações Escotista e Escoteiro abrangem a todos eles.

A organização e a propagação do Movimento Escoteiro são devidas a este exército de trabalhadores voluntários. Nós temos a notável (embora silenciosa) evidência do belo espírito patriótico que subsiste na maioria dos países. Estas pessoas renunciam a uma boa parte do seu tempo e energia (e em muitos casos também de seu dinheiro), para a tarefa de treinamento de jovens, sem qualquer ideia de recompensa ou esperando elogios pelo que estão fazendo. Fazem-no, unicamente, por amor ao seu país e a seus semelhantes.



Membros da Família Escoteira

O JOVEM

O primeiro passo para ser bem sucedido no trabalho com os jovens consiste em conhecer-se alguma coisa a respeito de jovens em geral. Depois, conhecer cada um em particular.

O Doutor Saleeby¹, em um discurso na “Ethical Society”² em Londres, disse uma vez: “O primeiro requisito para um mestre ser bem sucedido é o conhecimento da natureza do jovem. O menino ou a menina não são uma “primeira edição” do homem ou da mulher, nem uma massa amorfa a ser moldada pelo mestre. Bem ao contrário, cada criança tem seus próprios e peculiares interesses, sua inexperiência e uma imaginação (geralmente ignorada pelos adultos) que precisa ser orientada com tato e encorajada. As vezes essa imaginação terá mesmo que ser dirigida e modificada, e às vezes até mesmo comprimida (quando for excessiva)”.

¹ Caleb Williams Saleeby (1878-1940) foi um médico, escritor e jornalista inglês, um dos principais defensores da criação de um Ministério da Saúde, até então inexistente.

² Ethical Society - Sociedade Ética, fundada em 1793, defendia valores éticos, educacionais e religiosos. Um dos principais pontos defendidos era a igualdade das mulheres.

É bom que você se lembre, tanto quanto possível, de suas próprias ideias quando também era mais jovem.

Você compreenderá, então, muito melhor, os sentimentos e aspirações dos jovens.

No jovem, devem ser levadas em conta as seguintes qualidades:

- **Bom humor:** É preciso não esquecer que o jovem é naturalmente dotado de grande dose de humor. Talvez o seja um tanto levianamente, mas ele sempre sabe apreciar uma boa brincadeira e também vê sempre o lado engraçado das coisas. Isto dá ao chefe, de saída, uma precisa (e agradável) orientação para sua tarefa, pois o habilita a tornar-se um alegre companheiro a não um áspero bedel¹ ou feitor². Basta reunir o útil ao agradável.

- **Coragem:** O jovem, de um modo geral, também possui certa dose de coragem. Ele por sua natureza, nunca é “medroso”, muito embora possa vir a sê-lo, se perder o respeito-próprio em contato com gente provocadora e agressiva.

- **Confiança em si próprio:** Um jovem normalmente tem confiança em suas próprias forças e em sua capacidade. Ele não gosta, portanto, de ser mimado ou tratado como criança. Ele também não gosta que “lhe mandem fazer as coisas” (que ele sabe que tem de fazer) e, muito menos, que lhe venham ensinar como fazê-las. Ele gosta muito mais de tentar fazê-las por si próprio, mesmo sabendo que cometerá alguns erros. Pois é justamente errando que se aprende, que se adquire experiência e se fortalece o caráter.

- **Vivacidade e agudeza de percepção:** Um jovem é, de modo geral, bastante esperto. É fácil desenvolver-se-lhe a faculdade da atenção e a arte de observar, interpretando e deduzindo o sentido das coisas.

- **Gosto pela agitação:** O jovem urbano é mais inquieto que o do campo. Isto é devido à vida excitante e agitada das cidades, em sua constante atividade. Uma ambulância, uma corrida dos bombeiros para um incêndio, uma briga entre vizinhos; por toda a parte há sensacionalismos. Por isto mesmo ele não pode

¹ Inspetor ou zelador responsável pela manutenção da ordem em escolas.

² Era o responsável por supervisionar o serviço de trabalhadores, particularmente escravos.

permanecer executando a mesma tarefa por mais de um ou dois meses. Sente necessidade de variar!

- **Sensibilidade:** Quando um jovem encontra alguém que se interesse por ele, corresponde ao mesmo grau e pode ser levado até onde se queira. É aí que se manifesta o culto pelos heróis, constituindo uma grande força cooperando com o Chefe Escoteiro.

- **Lealdade:** Esta é uma característica na índole do jovem que deve inspirar confiança ilimitada. Os jovens são normalmente amigos leais uns dos outros. A amizade é, portanto, algo de natural e espontâneo. A lealdade é o dever que eles mais entendem. Aparentemente o jovem pode parecer egoísta, mas em regra geral, ele é muito inclinado (apesar de parecer o contrário) a prestar auxílio ao próximo e a ajudar os outros. Nesse terreno o nosso treinamento escoteiro encontra excelente campo para cultivo.

Se qualquer pessoa levar em conta e estudar estas diversas características no jovem, estará em condições muito superiores para adaptar o treinamento a essas diferentes tendências e realizá-lo de acordo com elas. Tal estudo é, pois, o primeiro passo para a obtenção de êxito no trabalho. Eu já tive a satisfação de encontrar, em uma só semana, em três diferentes pontos, três jovens que me foram indicados como tendo sido incorrigíveis e verdadeiros “moleques” até o dia em que entraram para o Movimento. Seus respectivos chefes tinham encontrado, porém, em cada um deles, o lado bom e aproveitável, debaixo da capa de seus defeitos e ruindade. Tendo tomado e aproveitado esse lado bom de cada um deles, foi designada a tarefa que mais se adaptava a seus temperamentos peculiares. Hoje estão, esses três guapos¹ jovens, cada um realizando esplêndida atividade, completamente diferentes de suas antigas personalidades. Só por estes três simples resultados estou convencido de que valeu a pena o trabalho que deu a organização das tropas a que eles pertencem.

Mr. Casson, escrevendo na revista “Teacher’s World”², assim descreve essa complicada obra da natureza que é o menino³.

¹ Bonito, bem apessoado.

² *Teacher’s World and Schoolmistress* (O Mundo dos Professores e Diretoras) era o título de um jornal britânico dedicado a assuntos ligados a educação, bastante prestigiado pela sociedade da época. Os professores mais famosos e os ilustradores mais requisitados contribuíam. Imaginamos que Mr. Casson, cuja referência não conseguimos encontrar, tenha sido um destes colaboradores.

³ O que ele diz do menino, certamente vale também para a menina. (Nota do Revisor).

- “Julgando por minha própria experiência, eu diria que os meninos possuem um Mundo próprio - construído por eles mesmos; aulas e professores jamais são admitidos nesse Mundo”.

“O Mundo dos meninos tem seus próprios fatos e acontecimentos, seu código, seus padrões, suas próprias intrigas e até sua opinião pública. A despeito da influência dos pais e professores, os meninos conservam-se fiéis e leais ao seu Mundo próprio, obedecendo ao seu próprio código, muito embora seja ele inteiramente diferente daquele que lhes é ensinado em casa e no colégio. Com orgulho eles sofrem castigos, e até verdadeiros martírios, nas mãos dos adultos incompreensivos, de preferência a faltarem ao cumprimento de seu próprio código de honra”.

“O código do professor, por exemplo, é o do silêncio, do cuidado, da segurança e do decoro”.



Lembre-se que o jovem, ao ingressar no Movimento, deseja imediatamente praticar Escotismo. Por isso, de início, não diminua este entusiasmo com explicações preliminares prolongadas. Vá logo ao encontro de seus desejos com jogos e práticas escoteiras, só ministrando, pouco a pouco, os detalhes elementares, à medida que o tempo for passando.

“O código dos meninos é diametralmente oposto: ruído e algazarra, risco e perigos, aventuras e sensação”.

“Diversão, luta e comida!” Estes são os três elementos indispensáveis no Mundo dos Meninos. Estes três são básicos e aos quais os meninos dão grande importância. E, naturalmente, nada têm que ver, nem de comum com, os professores, escolas e livros”.

“De acordo com a opinião pública dominante no Reino dos Meninos, permanecer sentado durante quatro horas diárias numa carteira, entre as quatro paredes de uma sala é uma estúpida perda de tempo, de ar e de luz”.

“Ninguém jamais apontou, em qualquer parte, um menino (um menino normal e saudável) que tenha pedido aos pais para comprarem-lhe uma carteira ou escrivaninha”.

“Ninguém também nunca viu ou conhece um menino que, correndo e brincando lá fora, viesse de repente pedir à sua mãe para deixá-la ficar sentado na sala! Um menino não é um “animal doméstico”. Ele não é sedentário nem nasceu para ficar sentado. Não é pacífico, nem acredita que acima de tudo “deve estar sempre a segurança”. Não é um filósofo nem um papa-livros. É simplesmente um menino – Deus o abençoe! – transbordante de alegria, combatividade, fome, audácia, travessura, barulho, espírito de observação e vivacidade. Se assim não for, ele é um anormal”.

“Deixem que prossiga a batalha entre o código dos professores e o dos meninos. Os meninos vencerão no futuro como o fizeram no passado. Alguns poucos se submeterão, (ganhando assim os primeiros prêmios escolares), mas a grande maioria persistirá em rebelião e crescerá para construir mais tarde os homens mais capazes e nobres da nação”.

“Pois não é verdade (citando exemplos históricos) que Edison¹, o inventor de um milhar de patentes foi devolvido da escola para casa, pelo seu professor, com um bilhete dizendo que era “demasiado burro para aprender”? E também não é verdade que, tanto Newton² como Darwin³, fundadores do método científico, foram ambos apontados por seus mestres como tendo “cabeça-dura”? E não se contam por centenas os exemplos em que os “bobos da classe” tornaram-se úteis e até importantes, posteriormente?”

¹ Thomas Alva Edison (1847-1931) foi inventor, cientista e empresário dos Estados Unidos, responsável por mais de duas mil patentes. Dentre suas invenções estão o cinégrafo (antecessor do cinema), o fonógrafo (antecessor das vitrolas), além de aperfeiçoamentos importantes para o telefone e para automóveis.

² Sir Isaac Newton (1643-1727) foi um físico, matemático, astrônomo, alquimista, filósofo natural e teólogo inglês. Algumas de suas descobertas ficaram conhecidas como Leis de Newton. Foi responsável também por descrever a gravidade.

³ Charles Robert Darwin (1809-1882) foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução, e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual.

“E isto, por acaso, não vem provar que os nossos métodos atuais são falhos e deficientes, no que diz respeito ao aproveitamento das aptidões dos meninos?”

“Não será possível tratar os meninos ... como meninos? Não poderemos nós adaptar a gramática, história, geografia, aritmética, etc., às exigências do mundo juvenil? Não poderemos exprimir nossa sabedoria de adultos na linguagem da juventude?”

“Não estará certo o menino, apesar de tudo, mantendo seu próprio código de justiça, com suas consequências e aventuras?”

“Não está ele usando ação em vez de aprendizagem, tal como efetivamente se deve fazer?”

“Não é na verdade um surpreendente pequeno “operário”, fazendo e trabalhando em coisas por si próprio, à falta de uma inteligente orientação?”

“Não seria bem mais agradável que os professores por algum tempo se tornassem “estudantes” para estudar a maravilhosa vida dos meninos, a qual, no presente, tentam apenas refrear e reprimir?”

“Porque lutar contra a corrente, se esta, apesar de tudo, corre no sentido acertado?”

“Não é chegado para nós o momento de adaptarmos nossos métodos superficiais, pondo-os em harmonia com os fatos?”

“Porque persistir, dizendo lamentosamente: “meninos serão sempre crianças”, em vez de rejubilarmo-nos com a maravilhosa energia, coragem e iniciativa do mundo juvenil?”

“E que tarefa pode ser mais nobre e melhor para um verdadeiro mestre que a de guiar alegremente as forças selvagens da natureza juvenil pelos atalhos do serviço social?”

AMBIENTE E TENTAÇÕES

Como eu já disse acima, o primeiro passo para obter sucesso, é conhecer cada jovem; o segundo passo é conhecer o seu lar.

É somente quando você conhecer o ambiente que cerca cada um, fora do Escotismo, que você poderá realmente saber as influências que o envolvem.

Quando é assegurada a simpatia e apoio dos pais, quando estes são levados a co-participar e têm mais interesse pelos trabalhos da TROPA e pelos objetivos do Movimento, a tarefa do chefe torna-se relativamente leve.

Às vezes podem existir no lar más influências a vencer. Também haverá outras atrações para o mal, que o chefe deve estar em condições de reprimir. Se ele estiver prevenido poderá, provavelmente, planejar o método a seguir para que os jovens sob sua orientação não sofram as influências de tentações prejudiciais. Deste modo suas personalidades serão desenvolvidas no bom sentido.

Uma das tentações mais poderosas é o cinema¹. Os filmes exercem incontestavelmente uma enorme atração sobre os jovens, e não são poucas as pessoas que estão constantemente “queimando os miolos” para descobrir o que pode impedir isso.

Mas é uma daquelas coisas que seria muito difícil de parar, mesmo que fosse desejável. O ponto, entretanto, é como utilizar filmes para obter vantagem para nossos fins.

Como regra, ao encontrarmos uma grande dificuldade, em vez de enfrentá-la devemos seguir-lhe o curso, orientando-a depois em nossa própria direção.

Devemos nos esforçar para ver o que há de valor no cinema e, então, utilizá-los com a finalidade educativa.

Não há dúvida de que o cinema, se não for supervisionado, pode ser um poderoso instrumento para o mal, pelos maus exemplos e sugestões. Mas, medidas foram e continuam sendo tomadas para garantir uma censura adequada. E assim, se os filmes podem constituir-se em instrumentos do mal, poderão, igualmente, ser transformados em armas do bem.

Há excelentes filmes sobre história natural e estudo da natureza, Estes são, a qualquer jovem, uma noção dos processos da natureza de maneira muito melhor que a obtida pela observação direta; certamente, também, a lição será muito melhor que a ministrada por qualquer outro processo.

História também pode ser ensinada pelo sentido da visão.

Há dramas com enredos heróicos e patéticos, e outros realmente alegres, cômicos e divertidos. Muitos deles expõem o mal, condenando-o e pondo-o em ridículo.

¹ Na primeira edição brasileira, o tradutor, General Leo Borges Fortes, inseriu a seguinte observação: “Certamente Baden-Powell hoje diria o mesmo da TV”. Como os tempos mudam, as preocupações de pais e educadores mudam com ele, e hoje a preocupação estaria com o uso exagerado da internet. É importante o alerta de Baden-Powell ao fato de que o cinema, por si só, não é maléfico ou benéfico. Da mesma forma que a televisão ou a internet, o que pode trazer benefícios ou prejuízos são a escolha que fazemos quanto ao que vamos assistir. E devemos fazer este alerta aos nossos jovens.

Incontestavelmente o ensino pela visão pode ser orientado de modo a produzir um excelente e maravilhoso resultado, utilizando o interesse e inclinação dos jovens pelo cinema.

Devemos lembrar, também, que os filmes exercem essa mesma influência nas escolas, e que estas já estão lhe dando a devida importância. No Escotismo não poderemos empregá-los em tão larga escala, mas poderemos usá-los como um incentivo para nossas atividades.

Temos que tornar nosso Escotismo suficientemente atraente para atrair o jovem, quaisquer que sejam os outros interesses e atrações.

Por exemplo: **o vício do fumo**, acarretando uma série de prejuízos à saúde, o jogo (corridas, cartas, bilhares, etc.) e todos os males a que sua prática conduz, os **males da bebida**, a vagabundagem, linguagem obscena, as imoralidades, etc., só podem ser corrigidos pelo chefe escoteiro que conheça o ambiente habitual dos jovens.*

Isto não pode ser evitado por meio de proibições ou punições, mas por substitutivos compensadores, no mínimo igualmente atraentes e que sejam benéficos quanto a seus efeitos e conseqüências.

A **delinquência juvenil** não é espontânea, mas tem como maiores causas, por um lado, o espírito de aventura inato no jovem e, por outro, sua própria ignorância ou indisciplina, conforme a natureza do indivíduo.

Mentir com facilidade (e até com naturalidade) é outro defeito muito comum entre os jovens e é, infelizmente, um mal dominante em todo o mundo. É observado tanto entre as tribos selvagens, como nos países mais civilizados.

O hábito de dizer a verdade eleva o homem à categoria de um ser digno de confiança, modificando-lhe o caráter e o da própria nação. Cumpre-nos, portanto, fazer todo o possível para cultivar o hábito da verdade e da honra da palavra entre os jovens.

SEDE E CAMPO

O principal antídoto para um mau ambiente é, naturalmente, sua substituição por outro que seja bom. E este é muito bem assegurado pela sede da tropa e pelos acampamentos.

** Baden-Powell aborda aqueles que eram os maiores problemas da época: o álcool e o tabagismo. Hoje com certeza faria suas advertências a respeito das drogas. É interessante como esta preocupação soa atual e como a recomendação "conheça o ambiente habitual dos jovens", continua a ser extremamente relevante nos dias de hoje.*

Por sede eu não quero dizer “meia hora de prática, uma vez por semana, num grande salão de escola emprestado para a ocasião”, (isto muito frequentemente é a maior ambição dos que trabalham com jovens).

Ao contrário, refiro-me a um lugar próprio, onde os jovens possam sentir-se no que é seu, mesmo que seja um porão, um sótão, ou uma garagem; um lugar onde eles possam reunir-se todas as noites, se for necessário, aí encontrando trabalho salutar e distrações, pleno de variadas atividades, numa atmosfera saudável, clara e feliz.

O chefe Escoteiro que somente tenha conseguido isto já terá realizado uma grande tarefa, proporcionando a alguns dos jovens o ambiente necessário e adequado. Este será o melhor antídoto contra o veneno, que de outro modo infiltra-se em seus pensamentos e personalidade.

O acampamento então (e este deve ser empregado tão frequentemente quanto possível) é um antídoto muito mais poderoso que a própria sede.

A atmosfera franca e alegre do campo, a camaradagem provocada pelo contato permanente, as reuniões sobre as lonas das barracas e em torno do Fogo do Conselho, inspiram uma atmosfera enriquecida na juventude. Ao mesmo tempo, dão ao Chefe uma oportunidade, melhor que qualquer outra, para influenciá-los com sua própria personalidade.

COMO ATRAIR OS JOVENS

Gosto de comparar uma pessoa que procura levar jovens a boas influências, com um pescador procurando, naturalmente, fazer uma boa pescaria e apanhar muitos peixes. Se este puser em seu anzol, como isca, a comida que ele próprio aprecia, é provável que não pesque muitos peixes, e destes, muito menos os tímidos e esquivos. Por isso mesmo ele usa como isca não a sua própria comida, mas a comida que o peixe gosta. Assim será, também, com os jovens. Se você tentar orientá-los com sermões e assuntos que você considera elevados, não conseguirá cativá-los.

A evidência de qualquer coisa muito bem comportada será suficiente para espantar os mais vivos e arrojados entre eles; e estes são, justamente, os que mais deveríamos “pescar”.

O único modo, portanto, é empregar qualquer coisa que realmente os atraia e interesse. E eu julgo que você concordará que o Escotismo consegue fazê-lo. Você poderá, depois, dosá-lo com o que você realmente deseja que eles recebam.

Para chegar aos jovens é preciso ser amigo, mas não tenha inicialmente muita pressa e preocupação em consegui-lo; lembre-se que é preciso que eles tenham perdido a timidez e o acanhamento em sua presença.

O Sr. F. D. How¹, em seu “Book of the Child” (Livro da Criança), resume o verdadeiro caminho a seguir, na seguinte história:

“Um homem, cujo passeio quotidiano o levava para uma certa viela escura, viu, certa vez um menino pequenino, mirrado, com pernas e braços pouco desenvolvidos, o rosto sujo e macilento, brincando na sarjeta com uma casca de banana. O homem acenou para ele, e o menino assustado, encolheu-se todo. No dia seguinte, o homem acenou-lhe novamente. O menino já tinha decidido que isto não era razão para temores e ... cuspiu em sua direção. No dia seguinte, o garotinho só olhou. No outro dia, quando o homem passou, ele gritou-lhe – “Hei!” Com o tempo o garoto passou a sorrir para a saudação que, já agora, ele vinha esperar. Finalmente a vitória foi completa quando o menino (um pequerrucho) estava um dia esperando o homem, na esquina e tomou-lhe a mão entre seus sujos dedinhos.

Aquela, era uma rua suja e triste, mas passou a ser, daí por diante, um dos mais belos lugares na vida desse homem”.

O que o Chefe faz, também quererão fazer seus jovens. Seus escoteiros refletem-no. Com o altruísmo e patriotismo de seu Chefe, os escoteiros aprendem a prática do auto-sacrifício voluntário e do serviço pátrio.



¹ Frederick Douglas How (1853-?) foi um escritor inglês, que escreveu biografias, a história de Oxford e o livro *Book of the Child - An Attempt to Set Down What is in the Mind of Children* (Livro da Criança - Uma tentativa de entender o que passa na mente das crianças).



*A chave do espírito do Escotismo
é a vigorosa vida ao ar livre*

ESCOTISMO

Escotismo é um jogo para jovens, dirigido por eles mesmos, no qual irmãos mais velhos proporcionam aos mais moços um ambiente sadio e os encorajam a praticar as atividades, também saudáveis, que auxiliam o desenvolvimento do espírito de cidadania.

Sua maior atração reside no contato e estudo da natureza, a vida ao ar livre, os trabalhos manuais em madeira, rústicos e toscos. Ele atua diretamente sobre o indivíduo e não sobre o conjunto.

Ele cultiva e eleva tanto o intelecto como as qualidades puramente físicas e morais.

Inicialmente o Escotismo era utilizado visando atingir esses objetivos. Atualmente, por experiência, sabemos e afirmamos categoricamente que, se for praticado devida e corretamente, ele na verdade os atinge!

A melhor exposição das finalidades e métodos do Escotismo talvez tenha sido a feita pelo Deão¹ James E. Russel², na escola de Professores, da Universidade de Colúmbia³, Nova Iorque. Diz ele, o seguinte:

“O Programa Escoteiro é o trabalho de adulto reduzido à escala apropriada a jovens. Isto agrada a estes, não porque sejam jovens, mas porque são adultos em perspectiva... O programa do escotismo não exige do jovem nada que um adulto não possa fazer, mas, passo a passo, o leva da situação em que se encontra às condições em que ele gostaria de estar...”

“O aspecto mais notável do Escotismo não reside no seu currículo, porém no seu método.”

“Como esquema sistemático de orientação de jovens na prática de “fazer direito as coisas” e de incentivar-lhes hábitos corretos, o Escotismo é quase ideal. Assim agindo, duas coisas nele se evidenciam: uma é que tais hábitos são fixados para sempre, a outra, é que ele proporciona oportunidades para a prática de iniciativa, confiança em si próprio, autodeterminação e controle.”

“Para desenvolvimento da iniciativa, o Escotismo não emprega tão somente seu programa de trabalhos para jovens, mas usa também de uma maneira maravilhosa seu mecanismo administrativo. No esquema administrativo é dada uma esplêndida oportunidade para quebrarem-se os métodos rotineiros. Isto sucede tanto na patrulha como na tropa.”

“O Escotismo ensina os jovens a trabalharem juntos, em equipes. Ele assegura o esforço de cooperação para um fim comum; e isto é uma coisa essencialmente democrática por si própria...”

“Você, estimulando os escoteiros em um alegre e sadio espírito de realização de boas ações (sem querer julgar-se santo ou esperar recompensas), estará orientando-lhes os primeiros passos no serviço à comunidade; desenvolvendo-lhes esta prática, você estará fazendo mais por eles do que se estivesse lhes dando eficiência, disciplina ou conhecimentos. É isto porque você estará ensinando-lhes, não propriamente a “como ganhar a vida”, mas, principalmente, a “como se deve viver.”

¹ Deão é o termo usado para o responsável máximo de um órgão colegial (geralmente universidade) da Igreja.

² James Earl Russel (1864-1945), foi um educador nascido nos Estados Unidos, que desenvolveu métodos de treinamento para professores e foi deão na Universidade de Columbia.

³ Fundada em 1754, situa-se no estado de Nova York, nos Estados Unidos. É a quinta universidade mais antiga do país.

ESCOTISMO É SIMPLES

O Escotismo, para um leigo, à primeira vista, pode parecer um assunto muito complexo. Muita gente já deve ter, provavelmente, desistido de tornar-se um chefe escoteiro, pensando na enorme quantidade e variedade de coisas que julgava ter de saber para ensinar aos jovens. Mas isso não é tanto assim, se forem levados em consideração os seguintes pontos:

1. O objetivo do Escotismo é muito simples.
2. O Chefe Escoteiro apenas provoca no jovem a ambição e o desejo de aprender por si próprio, somente sugerindo-lhe atividades que o atraiam e que ele vai realizando, até que, com experiência, execute-as corretamente. (Tais atividades são sugeridas em “Escotismo para Rapazes”).*
3. O Chefe Escoteiro exerce sua atuação por intermédio dos monitores.

O OBJETIVO DO ESCOTISMO

A finalidade do programa escoteiro é:

- **aperfeiçoar o padrão de nossos futuros cidadãos**, especialmente quanto a caráter e saúde.
- substituir personalismo por serviço.
- tornar os jovens individualmente eficientes, tanto moral como fisicamente, a fim de utilizar esta eficiência em serviço ao próximo.

Cidadania pode ser sinteticamente definida como “lealdade ativa para com a comunidade”.

É muito fácil e comum, em um país livre, a gente considerar-se um bom cidadão. Muitas pessoas julgam-se bons cidadãos pelo fato de respeitarem as leis, trabalharem e exprimirem sua opinião sobre política, esportes ou outras atividades, deixando que o governo se preocupe com os problemas da vida e do bem estar da nação.

Isto é uma forma passiva de cidadania, e neste mundo, cidadania **passiva** não é suficiente para assegurar liberdade, justiça, honra e honestidade.

Só nos servem, em verdade, cidadãos **ativos e úteis!**

* Escotismo para Rapazes - Livro escrito por Baden-Powell, lançado em fascículos em 1908, na Inglaterra, traz as bases do Movimento Escoteiro, embora tenha sido pensado para ser utilizado como referência para as unidades de ensino formal e não formal já existentes.

ANÁLISE DO PROGRAMA DO ESCOTISMO PARA FORMAR CIDADÃOS	
1 - CARÁTER	2 - SAÚDE E VIGOR
<p>Qualidades visadas: CIVICAS Honestidade Respeito aos Direitos Alheios Disciplina Liderança Responsabilidade</p> <p>MORAL Honra Cavalheirismo Confiança em Si Próprio Coragem Alegria de Viver Sentimentos Elevados</p> <p>Religião Reverência Respeito Próprio Amor e Lealdade à Pátria</p>	<p>Obtidas pela prática de: Trabalho de Patrulha Jogos Coletivos Corte de Honra Lei e Promessa Escoteiras Atividades e Trabalhos Escoteiros Contato e apreciação da natureza Conhecimento e estudo da natureza- Astronomia Bondade para com os animais</p> <p>Serviço ao próximo (veja adiante)</p>
3 - HABILIDADE MANUAL E DESTREZA	4 - SERVIÇO AO PRÓXIMO
<p>Qualidades visadas: Perícia Técnica Espírito Inventivo Desenvolvimento Intelectual Observação Espírito Dedutivo Auto Expressão</p>	<p>Obtidas pela prática de: Artes escoteiras, trabalhos e expedientes de acampamento Pioneirismo; Reconhecimento (por meio de insignias), das várias modalidades de artes manuais Distrações, passatempos e pequenas manias (coleções, etc) Estudo da natureza Pistas</p>
<p>Qualidades visadas: Saúde Vigor</p>	<p>Obtidas pela prática de: Responsabilidade própria pela saúde individual Higiene Sobriedade Continência Vida ao ar livre Educação Física Jogos Natação Excursões Escalada e atividades na natureza</p>
<p>Qualidades visadas: Altruísmo Deveres Cívicos Patriotismo Serviço ao País Humanitarismo Serviço a Deus</p>	<p>Obtidas pela prática de: Lei e Promessa Escoteira Boas ações Primeiros Socorros; Serviços de Salvamento Socorros Públicos Assistência a Hospitais Outros serviços em benefício da comunidade</p>

AS 4 PARTES DO TREINAMENTO ESCOTEIRO

Para exercitar cidadania ativa e realizar o seu objetivo, nosso esquema abrange quatro partes, abaixo mencionadas, as quais são essenciais na formação de bons cidadãos. E, note-se, que elas não são por nós aplicadas ou “injetadas” sob forma de conselhos, aulas ou lições. Muito ao contrário, tais ideias, sentimentos e qualidades, devem desabrochar de dentro para fora e crescer como uma planta devidamente cultivada. São elas:

1. Caráter: que nós ensinamos por intermédio e através: do Sistema de Patrulhas, da Lei Escoteira, dos conhecimentos técnicos escoteiros, das artes manuais, da habilidade e prática da vida de campo, da responsabilidade do monitor, dos jogos coletivos ou de equipe e mais, por toda essa gama de recursos abarcados e proporcionados pelos trabalhos de campo. Isto, naturalmente inclui: - a concepção da obra de Deus Todo-Poderoso, através de Sua criação, a apreciação do belo, na natureza, através do amor às plantas e aos animais, com os quais nos familiarizamos pela comunhão na vida ao ar livre.

2. Saúde e vigor: por meio de jogos, exercícios físicos e conhecimento e aplicação de higiene pessoal e da alimentação.

3. Habilidade manual e destreza: eventualmente adquirida, em trabalhos de sede, mas normal e especialmente nos acampamentos, praticando pioneirismo, construindo pontes, tomando iniciativas, realizando expedientes e exprimindo com habilidade e arte aquilo que foi idealizado; em síntese auto-expressão. Todos esses elementos concorrem para produzir adultos capazes de enfrentar qualquer empreendimento.

4. Serviço ao próximo: pela prática, na vida diária, da religião, pelas “boas ações”, realizando tanto as pequeninas boas ações como o serviço à comunidade, socorros a acidentados, salvamentos, etc.

Os detalhes destas 4 partes são apresentados no quadro da página 30 e descritos detalhadamente na segunda parte deste livro.

AS ATIVIDADES DO ESCOTISMO

Pela palavra Escotismo devem ser subtendidas as características da vida e os trabalhos dos grandes exploradores e colonizadores, dos bandeirantes e sertanistas, dos descobridores e velhos lobos do mar, e dos pioneiros da aeronáutica.

Juntamente com alguma coisa dessas vidas, rijas e aventureiras, nós oferecemos aos jovens um sistema de jogos e práticas que correspondem a seus desejos, instintos e aspirações e que são ao mesmo tempo educativas.

Do ponto de vista dos jovens, o Escotismo os reúne em grupos, que são a sua organização natural para jogos, brincadeiras, aventuras e travessuras. Ele proporciona-lhes o uso de um garboso uniforme e de um equipamento adequado; exalta a sua imaginação e cria uma atmosfera de romance e aventura: atrai-os e prende-os a uma vida ativa ao ar livre.

Do ponto de vista próprio dos pais o Escotismo proporciona saúde e desenvolvimento físico, ministra energia, ensina capacidade de recursos e habilidade manual; cria no jovem, disciplina, coragem, cortesia e patriotismo; em uma palavra, desenvolve “caráter”, que é mais importante que qualquer outra coisa para um jovem abrir seu próprio caminho na vida.

A prática do Escotismo atrai jovens de todas as condições sociais ou econômicas e igualmente inclui, também, os que tenham alguma deficiência. Ele inspira o desejo de aprender.

O princípio que o Escotismo adota é o seguinte:

As ideias do jovem são estudadas e ele é estimulado a **educar-se a si próprio**, em vez de ser “ensinado ou instruído”.

O Escotismo dá um bom impulso inicial em treinamento técnico, por meio de certificados de eficiência e insígnias de especialidades. Há certificados de toda a espécie: habilidades, trabalhos manuais, passatempos, pequenos gostos e manias, artes, ofícios, etc., tudo em complemento aos certificados normais de progressão pessoal. Existem certificados de especialidades em natação, pioneiria, cozinha, carpintaria e outras tantas espécies de habilitações e formas de expressão da habilidade humana. O objetivo de oferecer tantas especialidades, em um padrão elementar, como nós o fazemos, é interessar cada um a experimentar as diversas naturezas de trabalho que existem, para encontrar, assim, a que mais lhe atrai. O Chefe Escoteiro observador, poderá, pois, muito rapidamente reconhecer a inclinação especial de cada um e, em

consequência, estimulá-la. E este é o melhor meio de fazer expandir o caráter individual e iniciar um jovem em uma profissão ou carreira promissora e de futuro.

Além disso, estimulamos em cada um a responsabilidade pessoal pelo seu próprio desenvolvimento físico e pela sua saúde; confiamos em sua honra e esperamos que ele realize para alguém, uma boa ação, diariamente.

Quando o Chefe Escoteiro tem, ele próprio, um pouco de espírito jovial e consegue ver as coisas do ponto de vista dos jovens, se tiver imaginação poderá inventar novas atividades com variações frequentes, indo assim ao encontro da sede de novidade da juventude. Observe-se, como exemplo, as campanhas teatrais. Se elas verificarem que um espetáculo não está atraindo o público, não insistem nele, na expectativa de que no final venha a agradar. Põe-no imediatamente de lado e apresentam uma nova atração.

Os jovens conseguem ver aventura numa lagoa velha e suja e, se o Chefe Escoteiro possuir espírito juvenil, poderá também ver as coisas sob esse prisma.



Escotismo é um alegre jogo ao ar livre onde adultos de espírito jovial e jovens aventuram-se juntos como irmãos, velhos e moços, em busca de saúde, felicidade, destreza e desprendimento.

Não são necessárias grandes despesas nem aparelhagem complicada para arranjar-se novas ideias; os próprios jovens, muitas vezes, cooperam com sugestões. Esta é, pois, uma das maneiras do Chefe organizar atividades atraentes e agradáveis: consiste em “poupar os miolos e usar os... ouvidos”!

Quando, em tempo de guerra, um batedor sai à noite e quer obter informações sobre o movimento do inimigo ele o faz, quase exclusivamente, usando o sentido da audição. Igualmente, quando um Chefe Escoteiro ignora as inclinações e o caráter dos jovens poderá, de certo modo, vir a conhecê-los exclusivamente, ouvindo-os.

Simplesmente escutando o que dizem, poderá adquirir uma noção aproximadamente exata do caráter de cada jovem e poderá também escolher a maneira de atraí-lo e interessá-lo.

Assim, igualmente, nos debates da Corte de Honra e nas conversas ao pé do fogo, no acampamento. Se você prestar atenção a observar particularmente suas atitudes, obterá muito mais informações a seu respeito do que se fosse interrogá-los ou pedir-lhes esclarecimentos. Do mesmo modo quando for visitar-lhes os pais não vá com a intenção de pressioná-los e convencê-los do alto valor do Escotismo. Também não queira argui-los sobre suas ideias quanto à educação dos filhos, sobre o que esperam do Escotismo e sobre o que acham deficiente no Movimento.

Como regra geral, quando faltarem ideias, não queira impor, nas atividades escoteiras, aquilo que pessoalmente você julgue que deve ser apreciado. Procure, ao contrario, descobrir (ouvindo ou perguntando) quais as atividades que eles mais gostam. Em seguida procure o modo de aproveitá-las, tornando-as eficientes, úteis e benéficas aos jovens.

Numa tropa onde ressoem alegres risadas, onde as competições sejam coroadas de sucesso e onde exista a permanente alegria de novas aventuras, jamais haverá faltas ou exclusões motivadas por desinteresse.

O ESPÍRITO ESCOTEIRO

O elemento fundamental é o Espírito do Movimento.

A chave que abre este espírito é o romance pela vida na natureza. Onde é que existe um jovem (ou até mesmo uma pessoa adulta) sobre quem não exerçam atração, nestes tempos materialistas, o apelo da selva e os caminhos abertos da terra? Isso, talvez, seja um instinto primitivo, mas, de qualquer

forma, existe e é real. Com essa grande chave abre-se uma enorme porta, ainda que simplesmente para deixar entrar uma rajada de ar fresco e livre e um raio de sol nas vidas, que, de outro modo, iriam prosseguindo tristes e obscuras.

Porém, geralmente, pode-se fazer mais que isto.

Os bandeirantes e garimpeiros, heróis das florestas, os desbravadores, os exploradores, os descobridores marítimos, os pilotos são “Flautistas de Hamelim”¹ para os jovens.

Segui-los-iam onde quer que fossem, desde de que soasse sua música e fossem entoados os hinos de bravura e resistência, de aventuras e grandes feitos, de eficiência e destreza, do alegre sacrifício de si mesmo pelo bem do próximo.

Isto tudo é alimento espiritual para os jovens! Realmente existe alma em tudo isto!

Observe aquele rapaz descendo a rua: seu olhar está distante! Seu pensamento estará percorrendo as extensões da campanha, atravessando longínquas florestas do sertão ou singrando mares agitados? Quem sabe?

De qualquer modo, ele não está ali! Sua imaginação o conduz a um mundo de sonhos, bem diferente de sua prosaica vida cotidiana.

Você nunca viu manadas de búfalos das pradarias americanas vagando pelos jardins de Kensington?² Nunca viu, em sua imaginação, a fumaça do Acampamento dos Sioux³ à sombra do monumento do Príncipe Alberto⁴? Eu vos afirmo que muitas vezes lá os tenho visto, nestes últimos anos!

O Escotismo oferece ao jovem a oportunidade de tomar sua mochila, seu equipamento de campismo, e como uma dessas grandes figuras dos sertões, lançar-se à aventura. Ele seguirá pegadas, acompanhará sinais de pistas, praticará sinalização, acenderá seu próprio fogo, armará sua tenda e cozinhará sua “bóia”. Ele fará, por si só, muitas coisas no campo e dará também “uma mão” em muitos trabalhos de pioneirismo (pinguelas, pontes, picadas e caminhos).

¹ O Flautista de Hamelin é um conto folclórico popularizado pelos Irmãos Grimm, no qual um flautista toca uma flauta com a capacidade de atrair ratos e crianças. Assim, Baden-Powell compara os aventureiros com o Flautista, pela sua capacidade de atrair os jovens.

² Jardim inglês reconhecido como um dos parques reais de Londres. Ali se encontra o Memorial do Príncipe Alberto.

³ Um importante grupo linguístico dos Estados Unidos, que se divide em diversas etnias.

⁴ Príncipe Alberto de Saxe-Coburgo-Gota (1819-1861), alemão, foi o marido e príncipe consorte da Rainha Vitória do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda.

Sua companhia será sua própria “turma” conduzida pelo seu próprio líder. Ele pode ser unido a turma, mas terá sua própria personalidade. Ele conhecerá a “alegria de viver”, pela vida ao ar livre. E isto tem uma grande importância espiritual.



*A imaginação do jovem atravessa sertões,
campanhas e mares. No Escotismo ele se sente
fraternalmente unido aos desbravadores,
aos índios, aos sertanistas.*

Através de pequenas aquisições de conhecimentos da natureza, realizadas nas excursões pelos bosques e florestas, as almas incipientes desabroçam, se expandem, crescem, e abrem os olhos para ver em derredor. O ar livre é, por excelência, a escola da observação e compreensão das maravilhas deste grandioso universo. Ele abre o espírito, habituando-nos a apreciar a beleza que está diariamente diante de nossos olhos e que não vemos. Ele revela aos jovens das cidades esse mundo de estrelas que se escondem atrás dos arranha-céus, e que as luzes das cidades e as fumaças das fábricas não permitem admirar. Ele proporciona a visão das nuvens vermelhas do pôr do sol, resplandecendo em sua glória, muito além do telhado do cinema.

O estudo da natureza engloba, em um conjunto harmonioso, todas as questões e problemas do infinito, do mundo macro e microscópico e de sua história, tudo como parte integrante da maravilhosa obra do Criador. Sob esse

prisma, o sexo e a reprodução desempenham nobre e importante papel, sendo, por isso mesmo, assim reconhecidos e respeitados.

A vida escoteira consegue melhorar o pior dos jovens, elevar-lhe os pensamentos e inculcar-lhe fé em Deus; simultaneamente, a obrigação escoteira da prática da boa ação diária proporciona, elementarmente, a base fundamental do dever para com Deus e o próximo. Sobre esses alicerces, os pais ou a autoridade religiosa poderão, com mais facilidade, levantar a desejada crença.

*“Pegue um cara ou uma moça quaisquer
Dê-lhe a roupa e a dicção que quiser
Quando o traje, por fim, for despir
Não verá talvez logo surgir
Outro homem nem outra mulher!”.*

É espírito e o foro íntimo (não a roupagem exterior) que cria isso.
Todo jovem possui esse espírito!

A questão é que você tem que captá-lo e fazer expandir-se no jovem. A Promessa Escoteira a ser cumprida “pela própria honra”, da melhor maneira possível, e a Lei Escoteira, são nosso mais forte elo no que diz respeito à disciplina; em 99% dos jovens produz um efeito salutar.

O jovem não é controlado pelo: - NÃO FAÇA ISSO! NÃO FAÇA AQUILO!”
mas, ao contrário, impulsionado pelo: - “FAÇA”!

A Lei Escoteira foi organizada como um guia para suas AÇÕES e não como um código de repressão às suas faltas ou deficiências. Ela, simplesmente, indica a boa direção e o que se espera de um escoteiro.

O SISTEMA DE PATRULHAS

O Sistema de Patrulhas é uma característica essencial do treinamento escoteiro. Nisto o Escotismo difere de todas as outras organizações. O sucesso é absolutamente seguro, desde que ele seja convenientemente aplicado. E não pode ser de outro modo!

A chave do sucesso de uma boa tropa é a reunião dos jovens dentro de suas patrulhas, e o treinamento destas como unidades separadas, cada uma sob seu próprio monitor responsável.

¹ Tradução livre de uns versos populares ingleses.

No Escotismo, a patrulha é sempre a unidade, seja para trabalho, seja para jogos, seja quanto ao dever e à disciplina.



O progresso máximo só é obtido nas tropas nas quais a autoridade e responsabilidade realmente repousam nas mãos dos monitores. Este é o segredo do sucesso do treinamento escoteiro.

Atribuindo-se responsabilidade a um indivíduo, obtém-se um inavaliável desenvolvimento do seu caráter. A simples indicação de um monitor como líder responsável por uma patrulha já é, pois, de imediato, um grande passo nesse sentido. Dependerá também dele aproveitar e desenvolver as qualidades de cada elemento de sua patrulha. Isto parece realmente uma tarefa demasiada pesada, mas, na prática, tem dado resultados.

Se, além disso, por meio de estímulo e competições entre as patrulhas, você conseguir provocar um espírito de patrulhas, isto então será ótimo, pois torna os jovens mais dinâmicos e desenvolve um padrão de eficiência mais alto e mais completo. Cada jovem, na patrulha, passa a compreender que pessoalmente é responsável e que a honra do grupo, depende em certo grau de sua própria capacidade em “jogar o jogo”.

CORTE DE HONRA

A Corte de Honra constitui uma parte importante do Sistema de Patrulhas. É constituída, permanentemente pelos Monitores que, sob a orientação do Chefe Escoteiro, decide e resolvem as questões da tropa, sejam elas de natureza administrativa ou disciplinar.

Desenvolvem respeito próprio a ideias liberais em seus membros, simultaneamente com a noção de responsabilidade e respeito à autoridade; igualmente possibilitam a prática do procedimento e formas de conduta neste gênero das relações humanas, constituindo, para os jovens, individualmente e coletivamente, notável ensinamento, como futuros cidadãos.

A Corte de Honra encarrega-se dos assuntos de rotina, da direção e gestão de todos os interesses da tropa, tais como jogos, divertimentos, distrações, esportes, etc. Dela também podem participar os sub-monitores, que além de assim prestarem sua cooperação, vão também, incidentalmente, adquirindo prática e experiência em atuar dentro do conjunto.

A Corte de Honra, quando se reúne para assuntos de justiça, é composta somente de monitores. Como seu nome indica, tem excepcional missão de julgar, intervindo em caso de disciplina e concessão de recompensas.

VALOR DO SISTEMA DE PATRULHAS

É de suma importância que o Chefe Escoteiro reconheça o extraordinário valor do sistema de patrulhas e saiba avaliar o que pode obter de sua utilização. Ele é a melhor garantia para a vida e o sucesso permanente da tropa. Ele também alivia o Chefe de uma grande parte dos pequenos trabalhos de rotina, que, de outro modo, pesariam sobre seus ombros. Porém, principalmente e, sobretudo: **A patrulha é a escola de caráter para cada um!** Ao monitor ela proporciona exercício de responsabilidade e de liderança. Aos escoteiros concede a oportunidade de submeterem seus próprios interesses aos do conjunto (o que constitui os primeiros passos no caminho da dedicação e autodomínio), representados pelo espírito do grupo, de cooperação e da boa camaradagem.

Mas, para serem obtidos resultados de tal ordem neste sistema, você tem que dar aos seus jovens monitores verdadeira liberdade de ação e integral

responsabilidade. Se você lhes der somente responsabilidade parcial, também só obterá resultados parciais.

O principal objetivo não é tanto diminuir o trabalho do Chefe, mas, realmente, dar responsabilidade aos jovens porque este é o melhor de todos os meios para desenvolver-lhe o caráter.

O Chefe Escoteiro que deseja obter sucesso deve não somente ler e estudar o que se tem escrito sobre Sistema de Patrulhas e seus métodos, mas, sobretudo, “por em prática o que tiver lido”. É a execução dessas coisas que tem importância e somente a constante e longa prática dará experiência aos seus monitores e escoteiros. Quanto mais oportunidades lhes der, quanto mais praticarem, mais experiência adquirirão, mais fortificarão seu caráter.

O UNIFORME ESCOTEIRO

Eu frequentemente já tenho dito:

“Nenhuma importância tem que um Escoteiro ande uniformizado ou não!”

O que vale é que ponha seu coração no Escotismo, engaje nele o seu espírito e cumpra a Lei Escoteira! Mas o fato é que não existe um escoteiro, que podendo comprar o uniforme, deixa de fazê-lo.

O espírito estimula a usá-lo.

A mesma observação aplica-se, naturalmente, àqueles que se dedicam ao Movimento: os chefes e comissários. Eles não têm propriamente obrigação de usar o uniforme; poderiam deixar de fazê-lo se quisessem; mas em seus cargos e funções, tem que pensar nos outros antes de pensarem em si.

Eu, pessoalmente uso meu uniforme ainda que seja para inspecionar somente uma patrulha. Tenho certeza que isto aumenta o tônus moral dos jovens. Isto exalta-lhes a estima e admiração por seu uniforme, ao verem-no digna e orgulhosamente usado por adultos e de responsabilidade. Sentem-se enaltecidos por serem levados a sério por adultos que também julgam importante pertencer à mesma fraternidade que eles.

O garbo e elegância no uso do uniforme e a correção dos detalhes podem, talvez, parecer coisa fútil e sem importância. Muito ao contrário, desenvolvem amor-próprio e exercem grande influência na reputação do Movimento perante o público, que julga pelas aparências. Nesta matéria, o exemplo é tudo! Apresentem-me uma tropa descuidada com seus uniformes e eu (sem

ser Sherlock Holmes!¹) poderei deduzir que seu chefe é negligente com seu uniforme escoteiro. Você deve pensar bem nisto, quando estiver envergando seu uniforme ou dando um toque pessoal impróprio a ele. Você é modelo para os jovens e seu garbo e elegância vão se refletir neles.

A TAREFA DO CHEFE

Os princípios do Escotismo indicam apenas o bom caminho.

O sucesso do resultado, porém, depende do chefe e do modo como os aplica. Desejo, portanto, agora, auxiliar o Chefe neste particular. Esforçar-me-ei por fazê-lo, aqui, de duas maneiras: Primeiro expondo os objetivos do treinamento escoteiro. Segundo, sugerindo os métodos para aplicá-los.

Muitos chefes, provavelmente, gostariam que eu lhes desse todos os detalhes e o máximo possível de particularidades. Mas, na realidade, isto é impossível, pois o que convém a uma tropa determinada (ou se aplica a um tipo de jovem) num certo lugar, não serve para outra, situada a um quilômetro de distância. Isto acontece, com muito mais forte razão, em relação a todas as tropas escoteiras do Mundo, fundadas e existindo em condições totalmente diferentes.

Todavia, pode-se aqui apresentar certas sugestões de caráter geral, e os Chefes, aplicando-as, convencer-se-ão por si mesmos (e muito melhor) que os detalhes são peculiares a cada tropa e que, muitas vezes, só nelas particularmente dão o esperado resultado. Mas, antes de entrar no assunto, quero, mais uma vez, repetir-lhes: não se assustem imaginando que a missão é “demasiada” grande ou árdua. Esta impressão desaparece quando você olhar para o objetivo que se tem em vista. Vise unicamente o alvo! Você terá apenas que “manter a pontaria” e, simplesmente, fazer a adaptação dos detalhes que lhe permitam assegurar-las.

Como em “Peveril of the Peak”², “não tem importância que não alcancemos os mais elevados de nossos ideais, desde todos eles sejam igualmente altos”. De vez em quando podem surgir dificuldades capazes de nos fazer crer que não possamos atingir esses ideais. Mas é confortante lembrar que geralmente essas dificuldades, vistas de longe, sofrem deformação e que quando delas nos aproximamos, diminuem de proporção.

¹ Sherlock Holmes é um personagem de ficção inglês, criado por Sir Arthur Conan Doyle, famoso pela sua capacidade de dedução e atenção aos detalhes e o método científico, o que lhe ajudava a solucionar os crimes.

² É um livro escrito por Sir Waterr Scott em 1823, que conta a história do cavaleiro Julian Peveril.

Tome alento no velho ritmo negro:

*“Já viu vosmecê que na linha do trem
A gente receia avançar mais além
Pois lá no horizonte, pro fim da coxilha,
Os trilhos se juntam e o trem descarrilha.*

*Dispara o comboio, parece brinquedo
E o bom maquinista prossegue sem medo
E olhando agora o lugar mais de perto
Se vê que o caminho ficou mais aberto.*

*Assim, todos nós vemos lá no futuro
Fechar-se o atalho. Estreito, inseguro;
Não dá pra passar. Mas a vida espanta:
De perto, se vê que até passa jamanta¹”.*

¹ Tradução livre e adaptada dos versos publicados na revista semanal norte-americana "Saturday Morning Post". (Nota do Tradutor)

PARTE 2

DE ESCOTEIRO A CIDADÃO

CARÁTER
SAÚDE E VIGOR FÍSICO
HABILIDADE MANUAL E DESTREZA
SERVIÇO AO PRÓXIMO



*O código do Cavaleiro Andante é,
ainda, o código dos jovens altruístas hoje em dia*

CARÁTER

“A qualidade do caráter de seus cidadãos define muito mais o valor de uma nação que sua força militar”.

“Caráter tem mais importância que erudição para se vencer na vida”.

Caráter tem, assim, importância fundamental, tanto para as nações quanto para os indivíduos. E, se caráter é fundamental para fazer-se carreira, deve ser desenvolvido naturalmente antes de se começá-la; e principalmente enquanto se é jovem e receptivo.

Caráter não pode ser injetado num jovem. Existe em estado embrionário no jovem e deve ser apenas cultivado para desabrochar. De que modo?

Caráter é comumente o resultado do ambiente circunvizinho. Pegue duas crianças (gêmeos, se quiser). Coloque-as na mesma escola, ensine-lhes as mesmas lições, dê-lhes, porém, ambientes, lares e companhias diferentes, fora

da escola. Ponha uma junto de uma boa mãe, compreensiva e encorajadora, entre companheiros limpos e diretos e em cujos jogos e diversões haja honra e honestidade da conduta de cada um, etc., etc. Tome a segunda e ponha-a de outro lado, vivendo numa casa imunda, entre gente que use linguagem pornográfica, costume roubar e seja desregrada. Adquirirá as mesmas qualidades de caráter de seu irmão gêmeo? Certamente que não! Há milhares de jovens que diariamente se perdem por deixarem de adquirir caráter. Tornam-se, deste modo, inúteis, prejudiciais a si próprios e um verdadeiro perigo para a Nação. Eles poderiam ser salvos e aproveitados se somente dispusessem de ambiente adequado no período receptivo de suas existências. Há muitos milhares de outros tantos que talvez não estivessem igualmente em tão baixo nível (pois há maus elementos em todas as classes sociais). Todos poderiam ser adultos melhores, mais úteis ao país e a si próprios, se na ocasião oportuna tivessem sido persuadidos a desenvolver seu caráter.

Este é, portanto, o mais importante objetivo do treinamento escoteiro - educar; não simplesmente instruir (pense bem nisto!), mas educar, isto é, levar o jovem a aprender por si próprio e voluntariamente tudo aquilo que contribua para forjar seu caráter.

PORQUE A TROPA NÃO DEVE TER MAIS DE 32 ESCOTEIROS

É conveniente que uma tropa não exceda de 32 escoteiros. Sugiro este número porque tenho pessoalmente treinado jovens e descobri que 16 é o máximo com que posso lidar para poder realmente desenvolver o caráter individual de cada um. Eu admito que outras pessoas sejam capazes de fazer o dobro do que eu faço e daí concluo o número de 32. Pessoas têm me contado existirem boas tropas com 60 ou mesmo 100. Os chefes respectivos asseguram que os jovens são igualmente tão bem educados como em tropas menores. Eu exprimo minha admiração (admiração aqui, realmente significa "surpresa") e ... **não acredito!** Eles perguntam: Porque devemos preocupar-nos com treinamento individual?

- Porque é o único meio de educar!

Pode-se **instruir** qualquer numero de jovens. Se você tiver uma voz forte e um processo bom e agradável de manter a disciplina, você poderá instruir até um milheiro ao mesmo tempo. Mas isto não é educação. Educação é formar o caráter e contribuir na construção de pessoas.

Quando se incentiva em um indivíduo o interesse pelo seu próprio aperfeiçoamento, este se manifesta segundo a linha do seu temperamento e num esforço acorde com suas possibilidades. Não adianta absolutamente querer pregar a Lei Escoteira ou impô-la a um bando juvenil. Cada imaginação exige que dela se faça uma exposição especial, provocando a intenção de cumpri-la. E aí é que interferem, a personalidade e a capacidade do Chefe.

Consideremos, em consequência, algumas das qualidades do espírito e morais que constituem o caráter; depois vejamos como pode o Chefe Escoteiro conduzir o jovem e desenvolvê-las em si próprio através do Escotismo.

A CAVALARIA MEDIEVAL E SEU CÓDIGO DE HONRA

O código dos Cavaleiros Andantes da Idade Média tem sido a norma de conduta de todos os cavaleiros, desde o ano 500 de nossa era, época em que o Rei Artur redigiu as regras de vida para os seus Cavalheiros da Távola Redonda. A vida romântica dos Cavalheiros Andantes¹ tem constituído perene atração para todos os jovens e exalta seus sentimentos morais. Seu “Código da Cavalaria” inclui honra, autodisciplina, cortesia, coragem, espírito de sacrifício pelo serviço e pelo dever e conduz à religião.

As regras, tais como foram novamente redigidas no tempo de Henrique VIII², eram as seguintes:

1. Nunca serão retiradas as armaduras, exceto para o repouso noturno.
2. Serão buscadas aventuras, onde se adquirem glória e renome.
3. Serão defendidos os pobre e fracos.
4. Serão auxiliados todos os que pedirem apoio em defesa de uma causa justa.
5. Nunca ofenderão um ao outro.
6. Lutarão pela defesa e felicidade de seu país.
7. Trabalharão pela honra e não por proveitos.
8. Jamais quebrarão uma promessa, sob pretexto algum.
9. Sacrificar-se-ão pela honra de sua Pátria.
10. Preferirão morrer honrosamente a escapar vergonhosamente.

¹ Os Cavaleiros Andantes faziam cruzadas em nome da Igreja, seguindo um ideal social de cavalheirismo, próprio dos últimos séculos da Idade Média.

² Nascido Henrique Tudor (1491-1547) foi rei da Inglaterra a partir de 1509 até a sua morte. Foi responsável pela ruptura com a Igreja Católica e a criação da Igreja Anglicana.

Os ideais dos Cavalheiros Medievais e seu Código de Honra são, antes de mais nada, o que deve ser inculcado nos jovens. Levem-nos àquela forte compreensão da justiça que deve constituir parte integrante do seu caráter e permitir-lhes-á realmente tornarem-se bons cidadãos.

Este hábito de “ver as coisas do ponto de vista dos outros”, pode ser desenvolvido em jogos ao ar livre, onde a honestidade, o cavalheirismo e o respeito “às regras do jogo” são essenciais. Quer se trate de um “assalto ao acampamento”, quer de uma simples corrida de estafetas, aquelas qualidades são fundamentais. Durante esses jogos têm que ser observadas rígidas regras, o que exige dos jogadores auto-controle e bom humor; no fim da partida a norma é que os vencedores se confraternizem com os vencidos, e que estes sejam os primeiros a ovacionar e congratularem-se com os vencedores. Isto deve ser praticado até vir a constituir um hábito.

Um outro valioso auxiliar para incluir essas qualidades e justiça consiste em realizar debates entre os jovens, sobre assunto que lhes interesse, levando-os a argumentar de ambos os lados. Isto habitua a reconhecer que cada questão importante sempre tem dois lados, e que não devem se deixar arrebatados pela eloquência de um bom orador antes de ouvir o que tem a dizer sobre o assunto o defensor do outro ponto de vista; ensina-os a analisar por si mesmos os argumentos de ambas as partes antes de tomarem decisão e emitirem sua opinião favorável a um ou outro.

Uma maneira prática de por isso em execução consiste em não permitir que as votações se executem simplesmente pelo levantar das mãos, pois desse modo quem estava hesitante (ou estava desatento), vota com a maioria. Cada qual deve registrar seu voto: “Sim!” ou “Não!” num pedaço de papel e entregá-lo pessoalmente. Este sistema, assegura a firmeza de opinião, fruto de conclusões próprias, depois de balanceados ambos os lados da questão.

Do mesmo modo arbitragens de disputas e julgamentos simulados (se levados a sério e dentro das normas prescritas para os tribunais do júri) tem um enorme valor, pois dão aos jovens a ideia repetida do que significa justiça e jogo limpo, e também, uma pequena experiência sobre os deveres cívicos que, mais tarde, terão de exercer como jurados ou, talvez, testemunhas nos tribunais.

A Corte de Honra da tropa escoteira é um outro passo nesse sentido. E como aí os jovens, na qualidade de membros, já tenham uma verdadeira responsabilidade, a seriedade de suas opiniões é de tal importância que os conduz a pensar e raciocinar cuidadosamente sobre a decisão a tomar, ouvindo

e pesando previamente todos os argumentos, de ambos os lados. Desse modo um chefe, usando sua arte e engenho, pode encontrar um sem número de oportunidades, tanto ao ar livre como dentro de casa, para treinar os Escoteiros, ensinando-lhes honra e honestidade, altruísmo e desprendimento, senso de justiça e de dever para com o próximo. De todas as questões que estamos estudando, julgo ser esta uma das mais importantes no que concerne ao exercício pessoal da livre cidadania. Lamento ter apenas podido tocar no assunto de maneira superficial.

DISCIPLINA

Para uma nação prosperar precisa de disciplina. Você só terá disciplina coletiva se obtiver, inicialmente, disciplina individual. Por disciplina eu quero dizer obediência à autoridade e a outros ditames do dever. Isto não pode ser obtido por medidas repreensivas¹, mas sim pelo estímulo e educação dos jovens, inicialmente em autodisciplina e espírito de renúncia a seus próprios prazeres e egoísmo em benefício dos demais. Isto se aprende grandemente pelo exemplo e pela atribuição de responsabilidade pessoal e de forte dose de “confiança”.

Através do Sistema de Patrulhas atribuímos grande responsabilidade aos monitores, realmente responsáveis por tudo que ocorre entre os membros da patrulha.

Em 1596, Sir Henry Knyvett², alertou a Rainha Elizabeth³ que o Estado que se descuida do treinamento e disciplina de sua juventude, não somente produz maus soldados e marinheiros para a guerra mas, também (o que é mal maior), maus cidadãos para a sua vida civil; ou, como disse ele: - “Por falta de verdadeira disciplina são fútil e desesperadamente gastos o tempo e a riqueza, tanto do monarca como do país”.

Não se obtém disciplina castigando uma criança por um mau hábito, mas, substituindo-o por outra e melhor ocupação que lhe absorva a atenção e gradualmente o faça esquecer e abandonar o velho hábito.

O Chefe Escoteiro deve insistir na disciplina e na rígida e rápida obediência, nos mínimos detalhes. Fora disto, deixe os jovens correrem e brincatem à vontade - o que é bom fazer sempre que possível.

¹ Medidas de repreensão censurável. Popularmente “chamar a atenção”,

² Thomas James Knyvet, 1º Barão de Knyvet (1558-1622) - nobre inglês, ganhou destaque por impedir que o Parlamento fosse explodido por rebeldes católicos em 1605.

³ Rainha Elizabeth (1533-1603), foi rainha da Inglaterra e Irlanda a partir de 1558, sendo responsável pelo fortalecimento da igreja anglicana.

NOÇÃO DE HONRA

A Lei Escoteira é a base em que se assenta toda a formação escoteira.

Todos os seus artigos devem ser ampla e claramente expostos aos jovens, pela exemplificação simples e prática de sua aplicação em sua vida diária. Não há melhor lição que a do exemplo. Se o próprio Chefe Escoteiro abertamente cumpre e executa a Lei Escoteira em todas as suas ações, os jovens vão segui-lo rapidamente. Este exemplo será tanto mais forte se o Chefe fizer ele próprio a Promessa Escoteira identicamente e na mesma ocasião que seus escoteiros.

O 1º artigo diz textualmente: - “O Escoteiro tem uma só palavra e sua honra vale mais que a própria vida”². Nele se baseiam todo o comportamento e disciplina futuros do Escoteiro. Por isso deve-se-lhe explicar com muita atenção e cuidado que “se confiará nele” e que se espera que assim corresponda, agindo com correção em todos os seus atos da vida diária. Essa é a primeira coisa a ser dita pelo Chefe a seus escoteiros, antes que façam sua Promessa Escoteira.

A Promessa de um escoteiro é propositalmente feita dentro de um cerimonial, porque um pequeno ritual neste gênero, feito com estrita solenidade, causa profunda impressão na alma jovem e, como é tão sério e importante o momento, é justo que ele fique tão impressionado quanto seja possível.

É de grande importância que de vez em quando o Escoteiro recorde a Lei. Os jovens esquecem com facilidade, e não é admissível que um jovem que tenha solenemente prometido cumprir a Lei Escoteira não seja capaz de, a qualquer momento, repetir a Lei.

Uma vez que o Escoteiro compreenda o que é a honra e a tenha hipotecado em sua Promessa, o Chefe deve confiar completamente nele.

Você, por sua atitude, deve mostrar-lhe que o considera um ser responsável. Encarregue-o de qualquer coisa, temporária ou permanentemente, e confie em que a execute fielmente. Não fique verificando como ele o faz; deixe-o fazê-lo a sua própria maneira; se necessário, deixe-o só e confie em que faça o melhor possível. Confiança e crédito são a base de todo nosso desenvolvimento moral. Atribuir responsabilidades é a chave do sucesso com os jovens, especialmente com os mais turbulentos e difíceis.

¹ Texto brasileiro da Lei Escoteira. (Nota do Tradutor).

A finalidade principal do Sistema de Patrulhas consiste em atribuir responsabilidade ao maior número possível de jovens, visando desse modo desenvolver-lhes o caráter. Se o Chefe atribuir verdadeiro poder a seus monitores, conceder-lhes forte dose de confiança e der-lhes carta branca na execução de sua tarefa, terá feito muito mais pelo desenvolvimento do caráter de cada um do que qualquer Escola jamais poderia ter feito.

CONFIANÇA EM SI

O jovem não vai atingir de fato o valor completo da formação escoteira se não avançar no sistema de progressão. As etapas foram estabelecidas com a ideia de que, o jovem que tenha desenvolvido suas competências a tal grau, possa ser considerado, com razão, possuidor das qualidades inerentes a um nobre e verdadeiro bom cidadão.

Quando o jovem se dá conta que é um ser responsável, no qual se confia, capaz de fazer as coisas e cumprir missões, ele adquire confiança em si próprio. Ambição e esperança começam a surgir então para ele.

Não podendo deixar de sentir-se mais capaz do que era antes, também ele adquirirá essa confiança em si próprio, que lhe dará a esperança e a firmeza tão necessária nos momentos difíceis da vida, mentendo-o de pé até sair vitorioso.

Prestar auxílios e primeiros socorros, excursionar, acampar, construir pontes, etc., são conhecimentos importantes, quer quanto à habilidade, quer quanto ao emprego do engenho e da inteligência, pois cada um, posto que trabalhando em cooperação com os outros, é responsável por sua própria parte do trabalho.

A natação, como parte das etapas de progressão, também tem seu valor educativo, tanto físico quanto moral e mental, pois, além de desenvolver os membros e aumentar o fôlego, dá ao indivíduo a sensação de poder vencer um dos elementos da natureza, e até salvar vidas.

Quando eu preparava o Corpo Policial Sul-Africano, costumava fazer os homens saírem a cavalo, aos pares, para vencer longas distâncias de 300 a 400 quilômetros. Isto os ensinava a usar a inteligência e a defenderem-se por si próprio. Mas, quando eu tinha um elemento um pouco menos “esperto”, este era mandado sozinho, sem ninguém para auxiliá-lo ou protegê-lo. Ele tinha,

assim, que achar seu próprio caminho, arranjar-se para comer e alimentar seu cavalo e ainda redigir sozinho o relatório de sua expedição. Era este o melhor treinamento de todos, tanto em inteligência como em auto-confiança. Não tenho dúvidas em recomendar esse método para que todos os Chefes o apliquem no treinamento de seus Escoteiros.

De todos, o Acampamento é, acima de tudo, o melhor dos meios para desenvolver nos jovens os desejados atributos do caráter.

O ambiente é saudável, os jovens se entusiasma e se alegram, todas as coisas interessantes da vida os rodeiam, e o Chefe os tem permanentemente, noite e dia, sob a sua influência. É no acampamento que o Chefe Escoteiro tem sua maior oportunidade de observar e conhecer as características individuais de cada um e de, em consequência, aplicar a seu desenvolvimento a necessária orientação; ao mesmo tempo que os jovens adquirem pessoalmente as qualidades de caráter inerentes à vida do Acampamento, como sejam disciplina, capacidade de ação, engenho, confiança em si, habilidade manual, arte mateira e marinheira, noção do valor do esforço coletivo, espírito de equipe e conhecimento da natureza, eles podem ser orientados devidamente, sob a simpática e alegre influência de um Chefe compreensivo e camarada.

Uma simples semana dessa vida vale mais que seis meses de treinamento teórico na sede, por melhor que este tenha sido.

É recomendável, portanto, que o Chefe que não possua muita experiência em matéria de acampamentos, estude bem o assunto, sob todos os prismas.



Ajude o jovem a adquirir confiança em si próprio e capacidade de recursos para conduzir seu próprio barco", olhando para o alto e para a frente e orientando assim o curso de sua própria vida.

A ALEGRIA DE VIVER

Porque consideramos o conhecimento da natureza a atividade básica do Escotismo?

Este é um ponto que caracteriza, justamente, a diferença entre o Escotismo e outras organizações juvenis.

Esta pergunta pode ser facilmente respondida do seguinte modo: “Nós desejamos não simplesmente ensinar nossos jovens a ganhar a vida, mas sobretudo a viver”, o que significa “como aproveitar a vida”.

Como eu tenho insistido bastante, o conhecimento da natureza fornece a melhor maneira de alargar o espírito e a mente juvenil; ao mesmo tempo (se o Chefe Escoteiro não perder de vista esse objetivo), conceder-lhes-á a faculdade de apreciar a beleza das coisas da natureza, e, conseqüentemente, também na arte. Isto certamente os ensinará a melhor apreciar a vida.

Tais sentimentos completam a compreensão de Deus como Criador, através de Sua maravilhosa obra. Este conceito, combinado com o da verdadeira execução de Sua vontade, expressado sob forma de serviço ao próximo, constitui a base real da religião.

Faz alguns anos, encontrava-me eu no quarto de um amigo recentemente falecido. Sobre sua mesa, sob seu velho cachimbo abandonado estava aberto um livro de Richard Jefferies¹: “Field and Hedgerow” (CAMPO E CÊRCA VIVA). Na página aberta se lia: “o conceito moral do bem não é completamente satisfatório. Sua mais alta expressão até hoje conhecida reside, para nós, no altruísmo que consiste em fazer o bem sem buscar recompensa imediata ou futura e sem intenção preconcebida. Isto é, o que conhecemos de melhor... mas o quanto é pouco satisfatório!...”

“Necessitamos dar maior satisfação aos desejos íntimos do coração do que os simplesmente proporcionados por qualquer obra de dedicação pessoal; deve ser qualquer coisa de acordo com o próprio conceito de beleza de um ideal. Virtude pessoal não é bastante! E ainda que não possa definir esse conceito ideal do bem, parece-me que ele, de algum modo, está estreitamente ligado à beleza ideal da natureza.”

¹ John Richard Jefferies - Ensaísta e naturalista inglês, falecido em 1877. (Nota do Tradutor).

Em outras palavras, pode-se afirmar que a felicidade é questão de consciência interior, combinada com o uso externo dos sentidos.

Se a definição acima é verdadeira, sua recíproca também é igualmente certa, o que significa que a simples apreciação da beleza não pode trazer felicidade se não tivermos consciência tranquila.

Assim sendo, se quisermos que os jovens alcancem a felicidade em suas vidas, devemos encaminhá-los na prática do bem, completada pelo sentido de apreciação da beleza na natureza. O caminho mais curto para este último é o próprio conhecimento da natureza:- "... livro nas águas correntes, lições nas pedras, e o bem por toda a parte¹".

A juventude, de um modo geral, não está de olhos realmente abertos e é dada ao chefe escoteiro a alegria de realizar essa operação, realmente digna de ser feita.

Uma vez que o interesse pelo contato com a natureza tenha penetrado e germinado na mente de um jovem, sua observação, memória e capacidade dedutiva se desenvolverão automaticamente e passarão a constituir parte integrante de seu caráter. E isso persistirá nele eternamente, seja qual for o seu destino.

Assim como as maravilhas da natureza podem ir se revelando ao espírito juvenil, assim, também, suas belezas podem ser apontadas e ir sendo gradualmente reconhecidas. Uma vez que o senso de apreciação da beleza se apossa do espírito, desenvolve-se naturalmente, da mesma maneira que o senso de observação e é capaz de alegrar o ambiente mais tétrico.

Se me permitem divagar mais uma vez... foi na grande e tenebrosa estação de Birmingham² em um dia escuro, nevoento e feio. Íamos seguindo, comprimidos e acotovelados por uma multidão de operários e soldados enlameados e sujos do trabalho e da viagem. Não obstante, enquanto seguíamos arrastados pela multidão, eu, atento, observava em torno; era empurrado para frente, observava novamente, e assim ia dando, até que finalmente tive um belo quadro diante de mim. Acredito que meus companheiros não o tivessem percebido, mas eu tinha captado um brilhante raio de luz naquele escuro lugar, o que me deu uma nova alegria para o resto do dia.

¹ "...books in the running brooks Sermons in stones, and good in everything"- William Shakespeare "As you like it" Act 11, Scene I. (Nota do Tradutor).

² Uma das maiores e mais importantes cidades da Inglaterra, no centro da região industrial. (Nota do Tradutor).

Fora nada mais nada menos, que uma linda enfermeira, com uma belíssima cabeleira de tonalidade ouro-bronzeado, destacando-se sobre seu uniforme de cor castanha, tendo um grande ramo de crisântemos amarelos nos braços.

- Nada de extraordinário! ... dirá você.

De fato! Mas para aqueles que têm olhos para ver, estes clarões surgem mesmo nos lugares mais nebulosos e lúgubres.

É uma ideia demasiado vulgarizada a de que os jovens não têm aptidão para apreciar a beleza e a poesia, porém recordo-me perfeitamente de certa vez em que se estava mostrando a um grupo de rapazes, um quadro representando uma tempestade, a propósito do qual Ruskin¹ tinha escrito que nele só havia um único sinal de paz, em toda aquela cena de vendaval. Um dos rapazes imediatamente apontou para um pedacinho azul e bonançoso no céu, visível através de uma pequena fenda da agitada camada de nuvens.

A poesia também exerce nos jovens uma influência difícil de ser avaliada. Quando a beleza começa a atrair o espírito juvenil, este parece ansiar por exprimir-se de qualquer maneira, diferente do da prosa.

Naturalmente muita poesia pode ser encontrada em trechos de prosa, porém normalmente é associada à rima e ao ritmo.



Já é alguma coisa se um jovem apresenta na rua uma fisionomia alegre. Seu sorriso ilumina a muitos dos que por ele passam. Vale a pena tentar fazê-lo adquirir esse aspecto, como um primeiro passo para torná-lo um portador de felicidade.

¹ John Ruskin (1819-1900) - Autor, artista, crítico de arte e reformador social inglês.

A rima, não obstante, é o que exige mais esforço dos jovens aspirantes a poesia, e se você tentar estimular a poesia terá, lançado sobre si, os mais pavorosos versos de pé quebrado que se possa imaginar. Se puder, afaste-se dos versos de pé quebrado. Eles já existem em demasia no mundo!...

MENTE ABERTA RESPEITO RELIGIOSO

O desenvolvimento de uma mente aberta começa naturalmente com o amor a Deus, que poderemos melhor denominar respeito religioso ou reverência.

Reverência a Deus, respeito ao próximo e a si próprio, como servo de Deus é a base de toda e qualquer religião.

A maneira de exprimir essa reverência varia em cada religião, seita ou credo. A religião de um jovem depende, em via de regra, da vontade de seus pais. São eles que decidem. A nossa obrigação é respeitar seu desejo e secundar seus esforços, inculcando respeito religioso nos meninos, seja qual for a religião que eles professem. Podem aparecer dificuldades relativas à definição do ensino religioso em nosso Movimento, tendo em vista a experiência de tantos e tão diferentes credos religiosos. Por essa razão, os detalhes da maneira de cumprir o dever para com Deus, têm sido ampla e largamente deixados ao critério das autoridades locais.

Mas não encontramos absolutamente dificuldades em sugerir a linha de conduta sob o aspecto humano da questão, portanto os deveres pessoais para com o próximo estão implícitos em quase todas as formas de religião.

É a seguinte a atitude do Movimento Escoteiro no que concerne à religião, política esta aprovada pelos Chefes de todas as Igrejas integrantes dos nossos Conselhos:

- a) É de esperar que cada Escoteiro pertença à algum credo religioso e frequente os serviços religiosos de sua Igreja.
- b) Quando toda uma tropa é composta de membros de uma mesma religião, é recomendável que o Chefe assegure a instrução religiosa e a observância do respectivo credo em combinação com o respectivo representante da religião e como for julgado melhor.

c) Quando uma tropa é composta de escoteiros pertencentes a várias religiões, eles devem ser estimulados a frequentar o serviço de sua própria Igreja. Nos acampamentos, qualquer forma de prece diária ou de serviço religioso dominical deve ser de caráter o mais simples e amplo possível, sendo o comparecimento facultativo e voluntário.

O Chefe Escoteiro que tomar estas normas como orientação não cometerá muitos nem graves erros.

Estou completamente convencido que há muitas maneiras de estimular respeito religioso, e não somente uma.

As soluções dependem das características pessoais do jovem e de seu meio ambiente, seja ele criado à vontade, na rua, ou junto à saia da mamãe. O treinamento adequado a um, pode não ter o mínimo efeito em outro. Cabe ao Chefe Escoteiro ou ao Assistente Religioso, escolher o método adequado.

Religião somente pode ser inspirada! Jamais inculcada!

Não é como uma roupa exterior, feita para usar aos sábados ou domingos. É parte integrante do caráter do jovem, um desenvolvimento espiritual, e não camada superficial de tinta que pode ser raspada. É um assunto ligado à personalidade, questão de convicção íntima e não matéria de instrução.

Falando com imparcialidade e baseado em minha larga experiência pessoal adquirida com a passagem, por minhas mãos, de alguns milhares de jovens, posso dizer que cheguei à conclusão de que, atualmente, as ações de uma grande proporção de adultos são muito pouco guiadas pela convicção religiosa.

Isto, em grande parte, pode ser atribuído ao fato de que geralmente se ministra instrução, em vez de educação religiosa à juventude. A consequência tem sido que os melhores alunos das aulas de religião são os que decoram as letras dos textos, mas, em muitos casos, aferrados a estes e seguindo-os à risca, perdem o espírito da religião e tornam-se “fanáticos ou beatos”, com uma visão limitada e estreita. Enquanto que a grande maioria não tendo sido realmente interessada, logo que abandona a classe ou escola, cai na indiferença e irreligião, por não ter encontrado uma mão que realmente a ajudasse no momento crítico de suas existências, isto é, entre os 16 e os 24 anos.

Nem todo mundo pode ter um bom professor de religião, e muitas vezes, os mais fervorosos são os maiores fracassos, (e sem sabê-lo).

Nós temos, felizmente, entre os Chefes Escoteiros, um certo número de adultos excepcionalmente bem qualificados a esse respeito. Mas haverá também certa quantidade dos que são duvidosos quanto a tais poderes. E quando um chefe não estiver certo de sua capacidade para exercer influência religiosa sobre a juventude, melhor fará se chamar outra pessoa experimentada para ministrar religião a sua tropa.

Do ponto de vista prático, entretanto, o Chefe, de qualquer modo, pode prestar uma valiosa cooperação, tanto no ensino da religião como também aos professores escolares, estimulando nos jovens (quer nos acampamentos quer na sede), a aplicação prática dos que aprendem teoricamente na escola.

Nas tropas pertencentes a uma Igreja há, via de regra, um Assistente Religioso e o Chefe deve consultá-lo em tudo que se referir ao ensino religioso, denominado Serviço Religioso Escoteiro.

Trata-se de uma reunião própria, de Escoteiros, para render culto a Deus e incentivar maior cumprimento da Lei e da Promessa, mas, de qualquer modo, isto será realizado como complemento e jamais em substituição às práticas religiosas regulares.

Não obstante, muitas de nossas tropas são abertas e possuem em suas fileiras jovens pertencentes a diversas formas de credo. Nestas, os jovens devem ser enviados a seus próprios sacerdotes e pastores, para receberem a orientação religiosa de seu próprio credo.

Outras tropas, situadas em bairros desfavorecidos, possuem jovens praticamente sem religião, qualquer que seja; seus pais quase nada auxiliam. Naturalmente eles necessitam de um outro tratamento e métodos diferentes dos aplicáveis àqueles que tenham tido boa preparação religiosa.

Aqui, mais uma vez, o Escotismo vem auxiliar o ensino da religião e, de uma maneira muito prática, que já tem dado resultados excelentes.

A maneira do Escotismo ajudar é a seguinte:

- a) Exemplo pessoal do Chefe Escoteiro;
- b) Estudo da natureza;
- c) Boas ações;
- d) Retenção dos jovens mais velhos;

a) Exemplo Pessoal - Não há dúvida nenhuma que, os olhos de um jovem, o que interessa é o que a pessoa faz e não o que ela diz.

Um chefe tem, portanto, pesando sobre seus ombros, a grande responsabilidade de fazer as coisas corretas e por motivos corretos, deixando que os jovens observem seu procedimento, sem contudo, fazer alarde de sua conduta. A atitude de irmão maior, aqui, impacta mais do que a de professor.

b) Estudo da Natureza - Há verdadeiras lições de crença e fé na observação da natureza; na vida dos pássaros, por exemplo, a formação de cada pena, igualzinha a de outro da mesma espécie que vive a milhares de quilômetros de distância, a migração periódica, a construção dos ninhos, a coloração dos ovos, o crescimento dos filhotes, seu nascimento sob cuidados maternos, sua alimentação, a arte de voar, etc., etc., tudo, enfim, realizado sem o auxílio humano, mas unicamente pelas leis do Criador; estas são as melhores prédicas e sermões para os jovens.

As flores em suas ordens, as plantas de toda a espécie, brotando ou já árvore de casca grossa; os animais, suas diversas espécies com hábitos próprios; as estrelas no céu com seus lugares definidos e seus movimentos regulares pelo espaço, tudo isso, enfim, dá a qualquer um a primeira concepção do Infinito e da imensa obra do Criador, na qual o ser humano representa muito pouco. Tudo isto é fascinante para os jovens, pois exerce uma influência absorvente sobre sua curiosidade, espírito de pesquisa e poder de observação, conduzindo-os diretamente a reconhecer a mão de Deus neste mundo de maravilhas, desde que alguém atraia sua atenção para tais fenômenos. O que mais me admira de tudo isto, é que alguns professores abandonam esses meios fáceis e infalíveis de educar, e esforçam-se em impor a instrução de catecismo como primeiro passo para obrigar a um jovem, irrequieto e cheio de vida, a pensar em coisas elevadas.

c) Boas Ações - Com um pouco de estímulo por parte do Chefe a prática da boa ação diária se torna como mania juvenil, e constitui um dos melhores passos para torná-los religiosos de fato e não simplesmente em teoria. O jovem tem um instinto natural para o bem, se encontrar uma maneira prática de fazê-lo. E esse “negócio” de boa ação, vem ao seu encontro. Desenvolvendo esse instinto, a boa ação diária faz brotar o espírito da caridade para com o próximo.

d) Retenção dos jovens mais velhos - Logo que um jovem comum adquire os conhecimentos escolares de leitura, escrita e aritmética é jogado no mundo, considerando-se pronto e equipado para seguir uma profissão, ou trabalhar como um bom cidadão.

Ao deixar a escola poderá prosseguir em excelentes escolas técnicas ou, se tiver força de vontade, e seus pais insistirem, frequentar cursos noturnos após o trabalho diário. Os melhores assim procedem e adquirem boa cultura.

Mas o que acontece aos medianos e inferiores? Deixa-se-os escorregar (justamente na época da vida em que mais necessitam prosseguir e completar o que aprenderam; justamente durante a fase de sua transformação física, espiritual e moral) para aquilo que virão a ser o resto de suas vidas!

É aí que o Movimento Escoteiro pode muito fazer por esses jovens, e é para esse trabalho importante que estamos fazendo de tudo para organizar os Seniores e os Pioneiros, afim de reter os jovens, manter o contato com eles e inspirá-los com os melhores ideais quando se encontram na encruzilhada entre o bem e o mal.

RESPEITO PRÓPRIO

Com referência às diversas formas de respeito que devemos levar os jovens a desenvolver, não devemos esquecer uma das mais importantes, que é o respeito por si mesmo ou respeito próprio, em sua forma mais elevada.

Isto, igualmente, pode ser de bom modo estipulado, inicialmente, através do estudo da natureza.

A anatomia das plantas, pássaros ou peixes pode ser estudada e apresentada como maravilhosa obra do Criador. Posteriormente a própria anatomia do jovem pode ser estudada sob prisma idêntico; o esqueleto ósseo revestido pela carne, músculos e tendões, o sistema nervoso, etc., a circulação do sangue, o movimento respiratório, o cérebro, controlando as ações e movimentos, etc., etc., tudo isto repetido identicamente até os menores detalhes, em milhões de seres humanos, sem que, contudo, dois deles tenham a mesma fisionomia ou iguais impressões digitais.

Ajude o jovem a entender que Deus lhe concedeu um corpo que é uma verdadeira maravilha, encarregando-o de conservá-lo e desenvolvê-lo como um templo e obras Suas; convença-o que seu corpo tem capacidade de realizar bom trabalho material e belos feitos se for guiado pelo sentimento do dever,

pela honra, cortesia e generosidade, isto é, por uma moral elevada. Isto é que cria o respeito próprio.

Esta noção, naturalmente, não deve ser “pregada” a um jovem, somente por palavras, deixando-se depois frutificar por si; deve ser infiltrada paulatinamente e devemos esperar que se manifeste e se revele em todas as oportunidades que se nos apresentarem, lidando com o jovem.

Pode, especialmente, ser provocada no jovem, dando-se-lhe responsabilidade e confiando nele como ser honrado e honesto, capaz de cumprir suas obrigações e deveres com o máximo de sua capacidade e tratando-o com respeito e consideração, contudo sem indulgência ou fraqueza.

AMOR E LEALDADE

Amor à Pátria é o complemento essencial do respeito a Deus e ao próximo.

A estima e a lealdade a seu País tem imenso valor, assegurando às pessoas uma visão equilibrada e em sentido apropriado.

As manifestações e sinais exteriores, tais como a saudação à bandeira, o levantar-se para o Hino Nacional e outros, ajudam a desenvolver o amor à Pátria. Porém o essencial é o desenvolvimento do verdadeiro espírito em que se baseiam essas demonstrações.

Lealdade para consigo mesmo, de parte do jovem (isto é, acatando os ditames de sua boa consciência) é um grande passo para desenvolver o conhecimento de si mesmo. Estima e lealdade ao próximo demonstra-se melhor que com palavras, por ações e realizações próprias. O sacrifício próprio e o serviço ao próximo incluem, necessária e prontamente, a ideia de servir ao país (caso surgisse a necessidade de protegê-lo contra qualquer agressão estrangeira); isto é dever de qualquer cidadão, mas também não significa que devamos desenvolver um espírito agressivo e sanguinário, e nem que o rapaz ou moça recebam instrução militar e noções de tática de combate. Isto pode ser deixado para mais adiante, quando terão idade para julgar por si mesmos.



Faça o jovem interessar-se em exercitar firme e constantemente o seu corpo e seus membros

SAÚDE E VIGOR FÍSICO

É incalculável a importância da boa saúde e vigor, tanto para seguir uma carreira ou profissão, como para apreciar a vida. Isto é suficientemente sabido!

Em questão de educação, podemos assegurar que saúde e vigor têm mais importância que “conhecimentos teórico-livrescos” e é quase tão importante como “caráter”.

Nós, do Movimento Escoteiro, muito podemos fazer pelos jovens, proporcionando-lhes certo desenvolvimento quanto à saúde e higiene pessoal, tão essenciais a sua eficiência como futuros cidadãos.

Nossa tarefa consiste em fazer com que adquiram espírito atlético e esportivo; ao mesmo tempo, devemos mostrar-lhes que é necessário, em primeiro lugar, melhorar a saúde e aperfeiçoar o físico, para poderem, depois, se dedicar satisfatoriamente à prática de exercícios físicos extenuantes.

Isto deve ser obtido pela alimentação apropriada e simples, pelos cuidados higiênicos individuais, pelos hábitos de limpeza, com a respiração pelo nariz, pelo repouso apropriado, pelo uso de vestuário adequado, pela vida metódica, pela continência, e assim por diante.

Devemos evitar que se tornem medrosos julgando-se propensos a todas as doenças e moléstias, mas ao contrário, exaltaremos a disposição para os esportes, tanto como o interesse pelo desenvolvimento da saúde.

É lógico que somente em meia hora por semana, durante as reuniões ordinárias da tropa escoteira, não é possível realizarmos uma lição formal de educação física. Porém, o que podemos fazer é ensinar o jovem a ser pessoalmente responsável perante si mesmo, por sua própria saúde, sabendo como mantê-la e conservá-la.

Também podemos ensinar-lhes uma pequena série de exercícios que, praticados por sua própria conta, ajudá-lo-ão a desenvolver-lhe o vigor físico.

Podemos interessá-lo em atividades ao ar livre e jogos que não são simples divertimentos, mas de grande valor prático para torná-lo forte e sadio para a vida.

Saúde física exige bons nervos e boa cabeça. Neste ponto nosso treinamento do caráter vai ao encontro do treinamento físico.

ESTEJA PREPARADO!

Estudos mostraram haver, entre a população adulta, uma porcentagem imensa de incapazes, os quais poderiam ter sido sadios e perfeitos se tivessem sido oportunamente tratados com cuidado e atenção.

Alguns relatórios sobre a saúde das crianças escolares têm demonstrado que, em cada cinco, uma tem deficiência que impedí-la-á de ser, no futuro, um elemento eficiente na vida. Deficiências estas, veja você, que poderiam ter sido evitadas.

Esses relatórios são muito sugestivos e indicam-nos, simultaneamente, a doença e o remédio; se tomássemos a criança ainda em tempo, dezenas de milhares podem ser recuperadas anualmente para se tornarem pessoas fortes e capazes, em vez de se arrastarem numa existência miserável e quase inútil.

Isto é um assunto de grande importância, tanto individual, como nacionalmente.

Muito se tem falado sobre o desenvolvimento da educação física em bases muito mais amplas, na geração que vem surgindo e, nesse sentido, encontramos um campo aberto para o nosso trabalho.

Mas eu desejo alertar os Chefes Escoteiros a fim de que não sejam atraídos por esse brado para um caminho errado. Você sabe, pelo nosso esquema da página 31, como e porque caráter e saúde são dois dos principais objetivos do Escotismo, e conhece também os passos que damos para atingidos. Porém, não pense que saúde física resulta naturalmente do exercício físico.

A educação física ministrada no exército tem sido cuidadosamente estudada e preenche perfeitamente a sua finalidade. Destina-se ao sistema muscular do adulto e os soldados melhoram extraordinariamente sob esse regime de treinamento físico intensivo. Mas ele é, geralmente, artificial e destinado a substituir o desenvolvimento físico que não foi adquirido naturalmente.

Deus não inventou os movimentos bruscos e violentos!

Os guerreiros zulus¹, esplêndidos espécimes da raça humana, nunca praticaram, ao que eu saiba, a ginástica sueca. Até mesmo a criança normal, que jogue bola, pule corda e venha se mantendo em boa forma pela prática de esportes de vez em quando, não precisa realmente praticar exercícios físicos para desenvolver-se.

São os jogos ao ar livre, as excursões e os acampamentos, a alimentação saudável, reunidos a um repouso adequado que dão saúde e vigor ao jovem, por um processo natural e não por métodos artificiais. Não há quem possa contestá-lo.

Embora isso seja realmente simples em teoria, encontramos na sua aplicação prática algumas pequenas dificuldades a vencer. Alguns jovens urbanos, por exemplo, são funcionários e estão todo o dia no trabalho, não podem sair para ir praticar jogos ao ar livre. Os que trabalham ao ar livre ou no campo e nas fazendas têm melhores oportunidades, pois já vivem mais ao ar livre!

Mas raramente se encontra um jovem rural que saiba jogar ou até mesmo correr. É espantoso se ver que poucos jovens conseguem correr. Isto porque o passo natural, elástico, fácil e leve, só vem com a prática da corrida. Sem a prática, o coitado desenvolve a passada lerdada e pesada do campônio² ou o andar desengonçado e arrastado do cidadão³ (e como o andar demonstra o caráter!).

¹ Zulus são um povo guerreiro da região do sul da África, um dos principais grupos étnicos da África do Sul.

² Morador do campo.

³ Morador da cidade.

JOGOS ORGANIZADOS

Um dos objetivos do Escotismo é proporcionar jogos coletivos e atividades em conjunto que desenvolvem a saúde e vigor dos jovens, auxiliando-os a aprimorar o caráter.

Estes jogos têm que ser atraentes e devem despertar o espírito de competição, pois é através deles que inculcamos as noções de coragem, respeito às regras do jogo, disciplina, autodomínio, vivacidade, fortaleza de ânimo, liderança e auto-sacrifício em benefício da vitória de sua equipe, no jogo.

Como exemplo desses jogos, práticas e divertimentos podemos citar: subidas e escaladas de todas as maneiras: - em escadas, cabos, árvores, rochas, etc.; competições de travessias de rios, pulando de pedra em pedra ou equilibrando-se em pranchões; as corridas de obstáculos ou de equilíbrio sobre traves spotty-face¹ para desenvolver a acuidade visual; lançamento e recepção de bolas; luta romana, natação, excursionismo, salto na corda, briga de galo, corrida de estafetas, danças e bailes folclóricos ou regionais, canções e músicas animadas com movimentos, etc., etc. Todas essas e muitas outras atividades oferecem um amplo e variado programa de competições entre as patrulhas, que um chefe com imaginação pode utilizar com o fim de desenvolver as partes do corpo que desejar.

Tal espécie de vigorosos jogos escoteiros é, a meu ver, a melhor forma de educação física, porque a maioria acarreta também educação moral e, em sua grande parte, eles não são custosos nem exigem terrenos ou aparelhagem especiais.

É de grande importância organizar todos os jogos e competições de maneira que, tanto quanto possível, todos os Escoteiros dele participem; isto, porque não desejamos ter apenas um ou dois campeões recordistas, sendo os demais imprestáveis; todos, sem exceção, devem adquirir prática e ser razoavelmente bons. Os jogos devem ser normalmente realizados como partidas entre equipes, onde estas sejam constituídas pelas patrulhas. Nas competições em que há número excessivo de participantes deve-se ir eliminando o melhor classificado, em vez do sistema usual de excluir os últimos; a competição prosseguirá assim entre os piores em vez de realizar-se entre os melhores.

¹ Spottyface - Jogo escoteiro de observação e memória, sem tradução para nossa língua. (Nota do Tradutor).

Os bons esforçar-se-ão do mesmo modo com todo seu valor para não serem os piores, como se fosse para ganhar um prêmio e estes últimos terão maior oportunidade de praticar.

No Escotismo podemos ensinar a cada um (da cidade ou do campo) a ser bom executante na prática de jogos, gozando assim a vida, ao mesmo tempo em que se fortalecendo e adquirindo fibra, tanto física como moral.

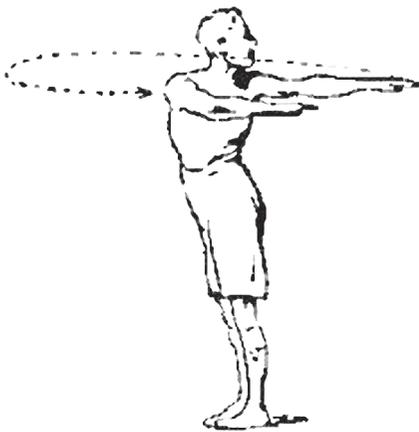
EXERCÍCIOS FÍSICOS

A ginástica ou os exercícios físicos constituem uma forma intensiva de desenvolvimento corporal a ser empregada quando não se pode ter oportunidades frequentes e boas de praticar jogos. Também pode ser usada como complemento destes, nas seguintes condições:

1. Ela não deve ser ministrada sob a forma rígida de exercícios, mas de maneira tal que cada um esteja realmente convencido do benefício que ela lhe proporciona e deseja voluntariamente praticá-la.
2. O instrutor deve ter alguns conhecimentos de anatomia e dos possíveis malefícios que muitos movimentos do treinamento físico podem provocar no corpo ainda não completamente formado de um jovem.

Os seis exercícios apresentados em “ESCOTISMO PARA RAPAZES” podem ser ensinados aos jovens pelos Chefes Escoteiros não possuidores de conhecimentos especializados de anatomia, educação física, etc. (Esses exercícios devem ser executados pelo próprio escoteiro, uma vez que tenha aprendido os movimentos apropriados e a respirar, podendo ser praticado em sua própria casa e à hora que quiser, não devendo, em absoluto, tornar-se uma parte ou rotina da reunião da tropa).

Devemos fazer de tudo para que o jovem se interesse em exercitar firmemente o seu corpo e seus membros e aprenda a praticar provas difíceis com coragem e paciência, até dominá-las completamente.



Faça cada jovem convencer-se de que é um ser com responsabilidade e, como tal, responsável pelos cuidados com seu corpo e sua saúde; que desenvolver ao máximo o seu corpo faz parte integrante de seus deveres para com Deus.

Uma boa ideia, por exemplo, é que cada tropa adote certos padrões ou limites mínimos para exercícios simples, tais como “saltos em altura, parado, salto tríplice, carniça e outros”, de modo que cada Escoteiro individualmente se esforce em melhorar seus próprios recordes e atinja melhores condições.

É uma atração, também, para os jovens, o poderem apresentar-se envergando todos os mesmos uniformes característico de sua equipe. Isto desenvolve o “espírito de grupo” nas competições atléticas. A troca de roupa, antes e depois dos jogos, incidentalmente proporciona oportunidade para um bom banho e uma boa esfregadela! Em síntese: limpeza!

“Como manter-se em boa forma” em breve passa a ser uma preocupação dominante do jovem atleta e pode servir de pretexto a valiosas instruções sobre o cuidado pessoal, valor da alimentação, higiene, continência, sobriedade, etc., etc. Tudo isto, igualmente, significa educação física.

ORDEM UNIDA

Muita gente defende a ideia que a ordem unida constitui o melhor meio de realizar o desenvolvimento físico dos jovens. Eu já tive muito que lidar com ordem unida em minha vida e se alguém pensa que vai fortalecer e desenvolver um jovem fazendo-o executar, em forma, voltas e mais voltas, marchas e contra

marchas uma hora por semana, breve ficará desapontado com os resultados obtidos.

A ordem unida, tal como é aplicada ao soldado, dia sobre dia, mês após mês, provoca indiscutivelmente um grande desenvolvimento físico. Mas os instrutores, além de serem bons especialistas, têm seus alunos permanentemente sob suas vistas e debaixo de estrita disciplina. E mesmo assim, de vez quando, cometem-se erros e não é raro surgir uma dilatação da aorta, do coração ou qualquer outro transtorno, embora se tratando de adultos, de corpo completamente formado.

Além disso, o treinamento militar é, sobretudo, assunto de instrução e martelá-lo nos jovens não é educação de maneira alguma, mormente quando eles podem aprender por si.

No que concerne aos exercícios militares de ordem unida para escoteiros, tenho tido oportunidade de lembrar frequentemente aos Chefes Escoteiros que eles devem ser evitados - em excesso - bem entendido.

Além das aceitáveis considerações antimilitaristas de alguns pais, somos-lhes contrários, no Movimento, porque alguns Chefes Escoteiros menos capazes, não podendo aprender os elevados objetivos do Escotismo (a bem dizer, o desabrochar da individualidade) e outros, mesmo tendo-o percebido, não possuindo capacidade para ensiná-lo, caem todos eles na ordem unida, como uma solução fácil para conseguir que seus jovens exibam certa eficiência em uma parada ou apresentação coletiva,

Do mesmo modo, há Chefes que naturalmente exageram no sentido oposto e permitem que os jovens se apresentem por toda a parte em atitude negligente, sem nenhum garbo e disciplina aparente. Isto ainda é pior. Você deve aplicar o termo médio, que é o ideal - somente a ordem unida suficiente para mostrar-lhes o que deles se deseja em fundo de espírito de coletividade que os faça orgulharem-se de si e se portarem como gente, pela honra e prestígio de sua tropa. Treinamentos ocasionais são necessários para assegurar isso, mas não devem ser praticados com prejuízo do treinamento escoteiro, de muito maior valor.

Todo treinamento requerido em Escotismo para dar atitude desenvolta aos jovens e fazê-los moverem-se como gente e não como gado, consiste em um pequeno e silencioso exercício, por alguns minutos, no começo da reunião, ou num oportuno e divertido jogo, como o de "Macaco Disse!".

Não queremos de forma alguma desprezar completamente a ordem unida, porém achamos preferíveis os exercícios de incêndio, tração da carrocinha escoteira, salvamentos, construções de pontes e outros, da mesma espécie. Estes requerem, igualmente, da tropa, atividade e disciplina, mas o importante é que cada um estará usando a cabeça para executar a parte que lhe cabe particularmente, em benefício do sucesso do trabalho de todo o conjunto. Além disso, competições nesse assunto provocam o mais alto interesse, tanto entre os participantes como entre os assistentes. Finalmente, deve-se considerar que estas também podem desenvolver honestidade, justiça e alegria nos jogos.

“A coisa mais importante” é que os jovens, quando sua equipe seja vencida, nunca demonstrem inveja, mencionem parcialidade nos julgamentos ou deslealdade nas táticas do adversário. Seja qual for o desapontamento sofrido, devem somente manifestar satisfação, respeito e elogios para a outra equipe, com ela confraternizando para comemorar a vitória. Isto representa verdadeira autodisciplina e abnegação e promove essa boa sensação envolvente, tão necessária para fazer desaparecer ressentimentos.

Conheço um garboso regimento cujos recrutas receberam muito pouca instrução de ordem unida. Foi-lhes apenas ensinada a atitude militar, como deviam mantê-la e explicado que quanto mais rapidamente pudessem habituar-se, mais rapidamente teriam permissão para passear, retornar aos seus divertimentos e adquirir seus direitos de verdadeiros soldados. Confiou-se-lhes a tarefa de aperfeiçoarem-se, em vez de serem obrigatoriamente exercitados, por vários meses, em ordem unida. Eles treinaram-se a si próprios e uns aos outros e terminaram o período de recrutas em menos da metade do tempo regularmente previsto.

Era, uma vez mais, educação versus instrução! O resultado fora obtido provocando interesse, ambição e responsabilidade nos próprios recrutas! E esse é, exatamente, o modo pelo qual, segundo eu creio, você poderá provocar o desenvolvimento físico entre os jovens. Pois, afinal, os jogos em plena natureza, bastante ar livre, comida saudável e repouso adequado fazem muito mais para produzir uma juventude sadia e bem desenvolvida do que qualquer quantidade de exercícios físicos ou militares.

O AR LIVRE

FORÇA PELO OXIGÊNIO - Certa vez assisti a uma belíssima demonstração de ginástica, por uma tropa escoteira, no interior de sua sede. A temperatura lá fora estava fresca e agradável, mas, com a breca, o ar interior estava insuportável! Para falar com franqueza, eu já sentia a má exalação, até da minha própria transpiração. Não havia ventilação. Os jovens atuavam com precisão mecânica, tinham, porém, todo o seu esforço inutilizado pela absorção de um ar viciado, em vez de revigorarem o seu sangue.

Ar puro e fresco é meio caminho para obter-se resultado dos exercícios físicos e deve, sempre que possível, ser absorvido tanto pela pele como pelo nariz.

Sinceramente: - Este "ar livre" é o segredo do êxito. E para isto foi criado o Escotismo: para desenvolver ao máximo o hábito da vida ao ar livre.

Uma vez perguntei a um Chefe Escoteiro, em uma grande cidade, como realizava suas excursões de sábados: se nos parques da cidade ou se ia para o campo? Ele não tinha feito nem uma coisa nem outra até então. Por quê? Porque os jovens não faziam questão de excursões. Preferiam reunir-se na sede, às tardes de sábados! Naturalmente eles preferiam isso: estavam acostumados a viver entre quatro paredes, os coitados! É justamente isto que queremos impedir no Escotismo! Nosso objetivo é tirá-los de dentro de casa e atraí-los para a vida ao ar livre.

Alexandre Dumas Filho¹ escreveu o seguinte: - "Se eu fosse Rei da França, não permitiria que qualquer criança de menos de 12 anos entrasse numa cidade. Até então, teriam que viver ao ar livre - no sol, no campo, nos bosques, em companhia de cavalos, dos cães e de outros animais, em pleno contato com a natureza que fortalece o corpo, desenvolve a inteligência e o entendimento, empresta poesia à alma e desperta-lhes uma curiosidade mais valiosa para a educação que todas as gramáticas do mundo".

"Compreenderiam tanto os ruídos como silêncios da noite. Teriam a melhor das religiões: aquela que Deus, Ele próprio, revela no glorioso espetáculo de suas maravilhosas obras diárias."

"E aos doze anos, fortes, inspiradas e cheias de compreensão, estariam aptas a receber a instrução metódica que então seria acertado ministrar-lhes, e que facilmente estaria terminada em quatro ou cinco anos."

¹ Alexandre Dumas Filho (1824-1895), escritor francês, sua obra mais famosa é "A Dama das Camélias".

“Infelizmente para os jovens, embora felizmente para a França, acontece que não sou o Rei.”

“A única coisa que posso fazer é dar o conselho e sugerir o caminho. O processo é fazer da educação física da criança um primeiro passo em sua vida”.

No Escotismo, especialmente se quisermos nos compenetrar de nosso mister, devemos dar um largo passo nessa direção. Ar Livre é o objetivo verdadeiro do Escotismo e a chave para o sucesso. Infelizmente, com excessiva vida de cidade, estamos desvirtuando nosso objetivo e trocando as coisas. Não constituímos um clube – nem uma escola que funciona aos sábados – mas sim a Escola dos Bosques. Precisamos viver mais ao ar livre, para a saúde dos corpos e das almas de escoteiros e de chefes. É pelos acampamentos que os jovens anseiam no Escotismo eles são a grande oportunidade dos chefes. O acampamento não pode deixar de atrair e prender cada um, com sua vida ao ar livre, seu amor à floresta, com seus expedientes improvisados para cozinhar, os jogos através de bosques e brejos, a exploração e descoberta de picadas, o seguimento de pistas, o pioneirismo, as pequenas dificuldades do campo e as alegres canções do Fogo do Conselho.

Precisamos de espaçosas áreas livres, de nossos próprios lugares, terrenos para acampamentos, preferivelmente permanentes e de fácil acesso e uso pelos Escoteiros. Como o Movimento continua crescendo essas áreas devem constituir instituições normais em todos os centros de Escotismo.

Além de atender à grande finalidade de permitir esses acampamentos tais áreas têm outro valor: podem constituir centros para instrução de Chefes e Dirigentes, que aí podem capacitar-se em trabalhos de campo, arte de acampar, conhecer a natureza e, sobretudo aí adquirir o espírito e amor da vida ao ar livre - da fraternidade dos exploradores das florestas.

Nestes últimos anos muitos desses lugares têm sido adquiridos para serem usados como campos-escola (para formação de Chefes) e locais de acampamento (para escoteiros). Estas áreas permanentes têm provado sua importância para a vida de campo, mas precisamos-las em maior número e é preciso que não percam tempo, antes que todos os terrenos em torno das cidades tenham sido adquiridos para construções.

Eu usei a expressão “vida de campo”. Guarde bem na memória, que **“vida de campo”** é diferente de **“viver sob barracas”**.

Não faz muito tempo mostraram-me um acampamento-modelo de jovens escolares, com várias filas de barracas corretamente armadas e perfeitamente alinhadas, com um grande e fino refeitório sob enorme barraca apropriada e com completa e bem equipada instalação de cozinha. Tudo fora muito bem planejado e excelentemente montado pelo construtor contratante. O organizador de tudo isto só tivera que pagar uma certa importância e tudo fora feito. Fora um negócio simples e vantajoso.

Meu único comentário a respeito é que isso não era acampamento. **Viver sob barracas** é muito diferente de **acampar**. Qualquer animal, por assim dizer, pode também viver debaixo de uma barraca desde que pertença ao rebanho, com tudo feito para ele.

Mas, com respeito ao bem que isto lhe proporciona, poderia igualmente ter ficado em casa, sem grande diferença.

Sabemos, no Escotismo, que o que atrai os jovens, constituindo simultaneamente uma educação para eles, é um acampamento verdadeiro, isto é, onde eles preparem suas próprias instalações, levando isto ao ponto de fazer e costurar antecipadamente suas próprias barracas e aprender a fazer e cozinhar sua própria comida.

Deste modo, então, o levantar barracas por patrulhas, em locais separados uns dos outros, tendo escolhido seus recantos apropriados, o arranjo da água e da lenha, a adaptação de banheiros, cozinhas de campo, privadas, fossas para gorduras e detritos, etc., a utilização de expedientes de campo e a confecção de utensílios e mobiliário rústico, tudo isto desperta um interesse sadio e constitui inavaliável treinamento.

Quem for responsável por uma quantidade grande de jovens numa cidade de barracas, será forçado a dar-lhes exercícios e instrução especial, como uma maneira de dar ocupação a todos enquanto que, com algumas patrulhas, além de seus próprios trabalhos de acampamento, que ocupam um bom espaço de tempo, há sempre e continuamente oportunidade para educação sobre conhecimento da natureza e desenvolvimento da saúde do corpo e do espírito, por meio de excursões, corridas de obstáculos naturais e da própria vida a céu aberto, na floresta.

O acampamento ideal, para mim, é aquele onde todo o mundo vive alegre e ocupado, onde as patrulhas são mantidas intactas em quaisquer circunstâncias e onde cada um dos monitores e dos escoteiros adquire um justo e sadio orgulho de seu campo e seu material. Em um acampamento pequeno assim, muito mais

se obtém do exemplo do Chefe. Ele vive entre os jovens, é observado por cada um deles e inconscientemente imitado; provavelmente nem note isso.



Acampamento são essenciais para o treinamento eficiente de uma Tropa. Mas o acampamento deve ser pleno de ocupações, atividades e movimentos, e não uma escola de ociosidade, sem objetivos

Se você for preguiçoso eles também o serão; se você fizer da limpeza uma verdadeira preocupação, eles também fá-lo-ão; se você tiver habilidade em construir peças e acessórios que melhorem as instalações de campo, em breve eles tornar-se-ão inventores e seus rivais; assim por diante.

Mas não faça de modo algum, o que deve ser feito pelos jovens; induza-os a fazê-lo.

Nesse sentido, o preceito adequado é o seguinte: - "Quando você deseja ver uma coisa feita, não faça você próprio".

Devemos ter, não somente acampamentos realmente limpos e saudáveis, mantidos de acordo com as instruções do lugar, mas acampamentos onde os jovens se sintam o mais próximo possível das condições de vida dos bandeirantes, sertanistas, exploradores e de sua existência aventureira.

NATAÇÃO - CANOAGEM - SINALIZAÇÃO

NATAÇÃO - As vantagens da natação, entre as muitas outras formas de exercício físico, são as seguintes:

1. O jovem se diverte e fica ansioso por aprender.
2. Ele aprende a apreciar a limpeza.
3. Além da arte de nadar, ele adquire também coragem.
4. Dominando o elemento líquido, ele ganha confiança em si próprio.
5. Desenvolve seu tórax, o fôlego e os órgãos respiratórios.
6. Fortalece a musculatura de todo o corpo.
7. Finalmente, adquire a aptidão de poder salvar vidas e aspira pela oportunidade de fazê-lo.

REMO - Também é um excelente meio de desenvolver os músculos e atrai bastante os escoteiros, mormente rapazes, É somente permitido depois que tenha sido dominada a natação e, deste modo, induz grande número de jovens a aperfeiçoarem-se naquela.

SINALIZAÇÃO - A prática da sinalização, ao mesmo tempo em que educa a inteligência juvenil, proporciona-lhes avaliável exercício físico, com hora e horas de trabalho com os braços girando em torno do corpo, e aguçando avista; mas é uma prática que deve ser realizada fora de casa, para que não degenerem em simples exercício interno, sem nenhuma utilidade, propósito ou espírito de aventura.

HIGIENE PESSOAL

Limpeza:

Limpeza interior tanto como a exterior é a questão de extrema importância para a saúde.

Devemos inculcar como hábito nos jovens que, quando não puderem tomar banho, é importantíssimo fazer no corpo uma fricção com uma toalha úmida, áspera e felpuda. Assim também o hábito de lavar as mãos antes das refeições e depois de irem ao banheiro.

A necessidade de escrupulosa limpeza pode ser estimulada pela prática do “mate aquela mosca ou mosquito”, não propriamente como um útil serviço público a ser prestado pelos escoteiros, mas, também, como um meio de interessá-los na pequena minúcia dos germens maléficos, conduzidos nas patas das moscas e no estômago dos mosquitos e, não obstante, de tão graves e prejudiciais efeitos na saúde popular.

Alimentação:

A alimentação tem enorme importância para o jovem em fase de crescimento e, no entanto, existe grande soma de ignorância no assunto de parte dos pais e, portanto, também, dos jovens. É útil, para o vigor da saúde dos jovens (especialmente no acampamento) que o Chefe Escoteiro tenha alguns conhecimentos sobre o assunto.

Quanto à quantidade, um adolescente de 13 a 15 anos, deve consumir cerca de 80% do que é necessário a um adulto. Ele comerá, com satisfação 150%, se lhe permitirem.

Sobriedade:

A sobriedade na alimentação é quase tão necessária ao jovem quanto a moderação na bebida o é para os adultos. Constitui uma boa lição de autocontrole para ele limitar seu apetite, tanto em relação à quantidade, como à qualidade de seu alimento. Pouca gente tem verificado a extraordinária capacidade do jovem para ingerir comida, seja de que espécie for. A questão a ser-lhe apresentada é a manutenção de sua aptidão atlética.

Sobriedade assim encarada constitui um detalhe, tanto moral quanto físico, do treinamento.

Continência:

De tudo o que se refere à educação da juventude, um dos pontos mais difíceis e de maior importância, é o que diz respeito à higiene sexual. Corpo, mente, alma, saúde, moralidade, caráter, tudo isso é abrangido nesse problema.

Este é um assunto que o Chefe Escoteiro deve abordar com tato e de acordo com o caráter individual de cada caso. Trata-se de um problema que ainda não foi convenientemente atacado pela autoridade sem educação. Mas é uma questão que não pode ser ignorada na educação de um rapaz e, muito menos, na de uma moça.



Faça os jovens compreenderem a significação da limpeza. Mantenha-os ocupados com atividades sadias - isto é o melhor meio de ajudá-los a "chutar" para longe maus pensamentos e hábitos sujos

Deve-se reconhecer que existe, ainda, uma grande barreira de preconceitos e falso pudor, de parte dos pais e do público, que deve ser vencida e isto exige extremo cuidado.

É, naturalmente, dever primordial dos pais fazer com que seus filhos recebam uma instrução apropriada, mas um grande número deles furta-se a esse dever, apresentando uma série de desculpas para assim procederem. Mas a verdade é que tal negligência chega a ser quase criminosa, - como escreveu o Dr. Allen Warner:

"Muito frequentemente se tem exprimido no passado, o receio de que tal ensino conduza a hábitos viciosos, mas não há nenhuma prova de que isto seja

verdade, ao passo que a experiência tem evidenciado que a ignorância nesse assunto tem produzido a decadência e a ruína física e moral de muitas vidas”.

Isto é a expressão pura da verdade e eu também posso testemunhá-la pessoalmente, baseado em uma longa e farta experiência com soldados e outras pessoas. A soma de secreta imoralidade que atualmente existe, é verdadeiramente impressionante. A circunstância de ser este assunto considerado tabu nas palestras entre jovens e adultos, origina e provoca comumente o resultado de que os jovens vão adquirir seus conhecimentos sob uma forma muito pervertida, de outro jovem.

No seu livro “What a Boy Should Know”¹ (O Que um Jovem Deveria Saber!) os Drs. Schofield e Jackson escreveram:

“O desenvolvimento sexual dos jovens é gradativo e constitui uma infeliz realidade o fato de que hábitos abusivos são iniciados e constantemente praticados a uma baixa idade. Se o provérbio: Uma pessoa prevenida vale por duas” implica segurança, então os jovens devem estar prevenidos do que lhes vai acontecer, pois o período crítico da puberdade os espera e a jovem nenhum deve ser permitido atingí-lo em estado de ignorância.”

Um Chefe Escoteiro tem aqui um imenso campo para praticar o bem. Ele deve, na primeira oportunidade, certificar-se de que o pai do rapaz ou da moça não tenha nenhuma objeção para que o assunto seja abordado em suas conversas com o jovem. Será melhor também consultar aqueles que mais conhecem o jovem - o líder espiritual, o médico, o professor, e convencendo-se de que deve possuir, ele próprio, os conhecimentos, as qualidades e experiências necessárias e suficientes, de modo a poder estar em condições de prestar um auxílio verdadeiro ao jovem. Desse modo, melhor poderá entrar no assunto do mesmo modo banal como abordaria quaisquer outros sobre os quais pode dar conselhos, colocando-se na situação de um irmão mais velho, ao fazê-lo.

Para alguns chefes que nunca experimentaram isso, a questão pode parecer muito difícil de ser abordada. Na verdade é tão fácil como descascar uma laranja. E nós não exageramos absolutamente a sua importância.

Eu tenho constatado pessoalmente que, depois de ter explicado, preliminarmente, como se reproduzem as plantas, os peixes e outros animais,

¹ “What a Boy Should Know” foi lançado em 1913 pelos médicos Schofield e Vaughan-Jackson, se tornou muito popular por se dirigir diretamente aos jovens daquela época.

interessa ao jovem (tal como aconteceu comigo quando pela primeira vez o ouvi) saberem como, em cada um, vai aparecendo o germe de um outro ser a surgir dele. Interessa-lhes saberem que esse germe tem sido transmitido de pai/mãe para filho/filha, de geração em geração. Ele recebeu esse dom de Deus (a capacidade de criar uma vida) e é seu dever conservá-lo até que se case e o junte ao da pessoa querida, para reprodução da espécie. Não poderá esquecer sua missão, gastando e aviltando-se, neste intervalo de tempo. Sofrerá muitas tentações, sob várias formas, mas terá de ser forte e guardar-se. Para cada diferente jovem, em cada diferente idade, pode se necessitar usar um processo diferente de tratar o assunto. A coisa mais importante para o Chefe é conquistar, inicialmente, plena confiança dos jovens e manter para com eles a atitude de um irmão mais velho, podendo ambos falar abertamente.

Ao mesmo tempo, devo acrescentar algumas palavras de alerta aos Chefes jovens e inexperientes. O fato de terem pouca idade, sendo quase tão jovens como os escoteiros, não constitui nenhuma vantagem. Frequentemente é uma desvantagem e muitas vezes um **real perigo**. Do que acima ficou escrito sobre o assunto, uma falsa impressão pode ser deduzida: de que eu considero **dever** de cada Chefe Escoteiro esclarecer cada um dos seus escoteiros nesse assunto. **Isto nunca foi minha intenção**. Agir assim seria derrubar todo o edifício do sistema familiar. O que eu quero fazer é atrair a atenção dos Chefes Escoteiros para o problema e pedir-lhes que se interessem e façam com que seus escoteiros recebam os necessários esclarecimentos de pessoa competente, na ocasião oportuna. Nas mais frequentes das vezes essa pessoa adequada é o pai, o pastor, o médico ou outra e NÃO O CHEFE ESCOTEIRO!

TABAGISMO

Alguém certa vez redigiu uma edição “aperfeiçoada” de “ESCOTISMO PARA RAPAZES” e nela determinava que “Escoteiros não podiam fumar”. É, geralmente, perigoso proibir algo aos jovens. Isso imediatamente excita-os à aventura, a fazer justamente o contrário do que lhes foi determinado. Aconselhe-se-os a respeito de uma coisa, ou fale-se-lhes dela mostrando ser desprezível ou tola, e eles evitá-la-ão,

Estou convencido que este é o método em questões de linguagem obscena, dos hábitos de jogar, de fumar e de outros erros da juventude.

É bom estabelecer um bom ambiente, formar uma opinião coletiva entre os jovens no sentido de considerarem essas coisas como de baixo nível e como sendo a que as crianças fazem para aparentar importância e “contar vantagens”, perante as outras.

ANDAR NA CORDA BAMBA

Pode impressionar mal alguns leitores apresentarmos isso como um curioso meio de ensinar autodisciplina ou saúde. Porém, essa conduta tem sido aprovada pela experiência.

Você pode constatar que isto é aplicado nos estádios militares onde as pessoas têm que caminhar na borda de uma tábua fixada de lado a alguns palmos do solo. Concluiu-se que o fato de terem de concentrar toda a sua atenção nesta difícil prova fá-los adquirirem um forte domínio de si próprios e de seus nervos. A experiência foi levada ao extremo de se poder afirmar quando um soldado não está tendo um resultado satisfatório nos exercícios de tiro ao alvo, uma série de “caminhadas na tábua” lhe restituirá o necessário autocontrole e poder de concentração. Este é um exercício que a juventude gosta.

Eles poderão ligar vários bastões escoteiros, emendando-se para constituir, como se fosse uma vara de equilibrista, que lhes aumentará o poder de equilíbrio nas primeiras vezes.

Como já tenho mostrado tais espécies de exercício também exercem influência sobre o caráter e esta é uma das questões pelas quais deploro a moderna tendência de colocar “segurança” em primeiro lugar, antes de qualquer outra coisa.

Um pouco de risco é necessário na vida; uma pequena prática em arriscar-se é conveniente para prosseguir na vida. Escoteiros têm que ser preparados para enfrentar dificuldades e perigos para existência afora. Não devemos, portanto, tonar seu treinamento muito suave.

ESCOTEIRO COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

No Escotismo há um número de jovens com deficiências físicas, tais como cegos, surdos, mudos e mancos, gozando agora maior felicidade, saúde e esperança, como jamais puderam tê-la. Muitos deles estão impossibilitados

de serem capacitadas em todas as etapas escoteiras, e etapas alternativas e especiais são-lhes fornecidas. Com muitos desses jovens não é fácil se lidar e é preciso com eles muito mais paciência, atenção e cuidado pessoal, do que com os jovens comuns.

Mas o resultado é bem compensador. Segundo testemunho de vários médicos, mães, enfermeiras e professores (que na maioria dos casos não são escoteiros eles próprios), é impressionante o bem proporcionado pelo Escotismo a esses jovens e, por seu intermédio, às instituições respectivas.

O que é maravilhoso, com relação a tais jovens, é sua satisfação e entusiasmo de fazer no Escotismo o máximo que possam. Eles não aceitam, das etapas e tratamentos especiais, mais do que o absolutamente necessário. O Escotismo ajuda-os, incorporando-os a uma ampla fraternidade mundial, oferecendo-lhes alguma coisa que fazer proporcionando-lhes novas aspirações e dando-lhes uma oportunidade de provarem a si próprios e aos outros que podem fazer coisas - e coisas difíceis - por si mesmos.



O jovem de iniciativa, este é o indicado para a tarefa.

HABILIDADE MANUAL E DESTREZA

Há, hoje em dia, como sempre houve, aliás, uma impressionante falta de aproveitamento do material humano. Isto é devido, em grande parte, à falta de formação eficaz. A grande maioria da juventude não foi ensinada a gostar do trabalho. Geralmente, quando se lhes ensina a arte manual, ofício ou conhecimentos comerciais, raramente lhes é mostrado como utilizá-los para progredir na profissão nem se lhes acende a chama da ambição de evoluir. Peças cilíndricas são também, muito geralmente, colocadas em espaços quadrangulares e vice-versa¹. Não podemos dizer onde está o erro, mas a realidade é um fato.

E em consequência, aqueles jovens que não possuem espontaneamente aquelas qualidades, começam a decair e acabam sendo perdidos. Trazem a infelicidade para si próprios e tornam-se um peso (e algumas vezes, mesmo, um perigo) para a Nação.

¹ B.P. refere-se a um jogo ou quebra-cabeças, ao qual compara o fato de muitas pessoas seguirem profissões que não lhes são adequadas. (Nota do Tradutor).

Além disso, muitos daqueles que, não obstante, conseguem vencer, indiscutivelmente poderiam ter maior êxito se tivessem sido educados num sentido mais prático.

Nós podemos, no Escotismo, fazer alguma coisa para remediar esses males. Podemos dar alguns passos no sentido de dar, mesmo ao jovem mais pobre, um começo e uma chance na vida, dotando-o, de certo modo, com esperança e uma habilitação.

De que maneira? Nossos pensamentos naturalmente se dirigem para os certificados de especialidades. Embora os denominemos especialidades, eles, com as etapas de progressão, são realmente pouco mais que “passatempos ou habilidades”.

Participam, entretanto, e estão dentro do nosso método de encorajar os rapazes, oferecendo-lhes de início trabalhos simples e fáceis; e esses passatempos e pequenas habilidades, se aproximam mais do trabalho especializado, no treinamento pré-vocacional de seniores e guias.

Entrementes, essas pequenas habilidades têm seu valor; o jovem, através delas, aprende a usar as mãos, a utilizar a cabeça e a sentir prazer em executar um trabalho. Para um, estes poderão ser os passa tempos prediletos por vários anos; para outro, pode proporcionar uma habilitação capaz de transformar-se numa profissão. De qualquer modo, o jovem estará menos sujeito a vir tornar-se um vagabundo, mais tarde. Os pequenos passatempos e habilidades manuais são um antídoto contra as artimanhas de Satã.

Estas habilidades ou trabalhos manuais não são, porém, prováveis de se transformar numa carreira para o jovem sem o auxílio de certas qualidades morais. Dessa maneira, o artífice deve ter **autodisciplina**. Deve adaptar-se às exigências do seu patrão e de seus companheiros de trabalho; deve ser calmo eficiente e prestativo. Precisar de **tenacidade** e esta dependerá da soma de ambição, perícia, engenhosidade e boa saúde que ele tiver. Vejamos agora como fazemos tudo isso no nosso treinamento escoteiro!

PIONEIRIA COMO UM PRIMEIRO PASSO

O primeiro passo para conseguir que um Escoteiro se dedique a trabalhos manuais é dado facilmente nos acampamentos, armando barracas, cortando árvores, construindo cabanas e pontes, fazendo esteiras e improvisando utensílios rústicos como sejam: ganchos para panela, suportes para pratos, etc.

Os jovens acham que essas coisa além de práticas, são úteis e dão conforto ao acampamento.

Tendo assim começado, eles interessar-se-ão em executar, nas noites frias e chuvosas, esses trabalhos manuais que lhes concederão tanto os distintivos de especialidades, em troca de sua habilidade, como dinheiro, em troca de seu bom trabalho. E deste modo eles, rapidamente, se tornam trabalhadores ardentes e ativos.

DISTINTIVOS DE ESPECIALIDADE

Estabelecemos os certificados de eficiência e os distintivos de especialidades, a fim de desenvolver em cada camarada o gosto pelas habilidades, artes ou trabalhos manuais, um dos quais pode, futuramente, vir a transformar-se numa profissão, impedindo-o de sentir-se desamparado e sem esperança ao entrar no mundo. Os certificados e distintivos foram organizados simplesmente com a intenção de criar um estímulo para que o jovem se envolva num passatempo ou ocupação e faça algum esforço para nele progredir. Serão a prova, para qualquer pessoa, de que ele assim procedeu; **os distintivos não significam que o jovem seja um mestre** e domine a arte da qual recebeu o certificado. Se alguma vez transformarmos o Escotismo num plano formal e rígido de instrução séria, visando eficiência completa, estaremos nos afastando inteiramente do objetivo e valor do treinamento escoteiro e invadiremos a missão das escolas, sem, contudo, dispormos de experimentados especialistas para executar sua tarefa.

Queremos levar **TODOS** os jovens a se desenvolver, alegre e espontaneamente, por si próprios e não impor-lhes uma instrução formal, obrigatória e forçada.

Mas, o objetivo do Sistema de Especialidades no Escotismo também é fornecer ao Chefe um instrumento com o qual ele possa provocar o entusiasmo, de todos e de cada um dos jovens, na escolha de passatempos que possam ser úteis na formação de seu caráter, ou desenvolvimento de suas habilidades. Este instrumento - se for usado com inteligência e compreensão - é o indicado para proporcionar esperança e ambição, mesmo ao menos inteligente e atrasado dos jovens que, de outra forma, seria rapidamente deixado para trás pelos outros, perdendo assim o estímulo na corrida da vida. É por esta razão que os padrões de eficiência nos exames de especialidades são propositadamente deixados

vagos e pouco definidos. Nosso padrão de medida para consecução de um certificado ou insígnia de especialidade não depende de ter o jovem alcançado certo nível de conhecimento ou pericia na mesma, mas da soma de esforços que desenvolveu para adquirir tal conhecimento ou habilidade.

Esta consideração põe o mais perdido dos casos no mesmo pé de igualdade com os dos mais vivos e melhor aquinhoados irmãos.

Um Chefe inteligente, que tenha feito um estudo de psicologia de seus liderados, pode, assim, dar aos jovens condições estimulantes, oferecendo aos mais atrasados certas facilidades e vantagens em relação aos outros com maiores dons. E o que for menos dotado e no qual tenha surgido o complexo de inferioridade pelas muitas derrotas que tenha sofrido, poderá obter suas primeiras vitórias, facilitadas para ele, de forma tal que seja levado a intensificar seus esforços. Se for persistente, por mais inepto e desajeitado que seja, seu examinador pode conceder-lhe o distintivo. Isso geralmente leva o jovem a prosseguir e persistir na consecução de outras insígnias e ele acaba por tornar-se, normalmente, capacitado.

O exame ou verificação das especialidades não tem caráter de competição, mas, realmente, de uma prova individual.

O Chefe e o examinador devem, portanto, agir em estreita ligação, julgando cada caso individual, conforme seus méritos; decidindo quando agir com generosidade e quando apertar as exigências.

Há quem seja de opinião que seus escoteiros devem atingir um alto grau de eficiência para obter o certificado e poder usar uma insígnia de especialidade. Isto está muito certo, em teoria. Deste modo, conseguiremos que alguns jovens se tornem bastante competentes, mas nosso objetivo é manter o interesse de todos os jovens. O Chefe que, para começar, põe um obstáculo fácil à frente dos jovens, consegue fazê-los saltar com confiança e entusiasmo, ao passo que se lhes oferecer, inicialmente, um muro de pedra intransponível, fará com que, de todo, se esquivem de saltá-lo.

Ao mesmo tempo recomendamos que se evite o outro extremo, qual seja, o de conceder certificados a escoteiros que demonstrem superficial conhecimento dos assuntos. Nesta matéria os examinadores devem usar seu senso e discrição, de modo a assegurar o principal objetivo que se tem em vista.

Sempre existe o perigo dos “caçadores de insígnias”, suplantando o desejo de domínio honesto e eficiente de uma especialidade. Nosso objetivo

é fazer dos jovens cidadãos alegres, conscientes, ponderados e trabalhadores e não torná-los exibicionistas e indulgentes para consigo próprios. O Chefe deve estar alerta para reprimir a caçada aos distintivos e reconhecer qual é o colecionador de distintivos e qual é que trabalha com entusiasmo e honestidade. Assim o sucesso do sistema de insígnias depende, imensamente, do Chefe Escoteiro e de sua própria habilidade em utilizá-lo.

ESPÍRITO DE INVESTIGAÇÃO

Toda a sabedoria humana se baseia na observação e na dedução. Portanto não pode ser subestimada a importância do poder de observação e dedução para o jovem cidadão. As crianças, como é sabido, têm um vivo espírito de observação, mas este vai desaparecendo com o seu crescimento e a causa principal é que as primeiras coisas, fatos e experiências que prenderam sua atenção, deixam de lhes interessar devido a sua repetição e consequente monotonia.

A observação é, na realidade, um hábito que tem que ser desenvolvido na juventude. Seguir pistas é uma maneira interessante de principiar a adquiri-lo. A dedução é a arte de raciocinar subseqüentemente e extrair o significado do que se observou.

Logo que observação e dedução se tornam habituais, um grande passo foi dado no desenvolvimento do caráter do jovem.

Percebe-se assim, prontamente, a grande importância do seguimento de pistas e dos jogos equivalentes Seguir pistas ao ar livre, interpretá-las e discutí-las nas reuniões de sede é coisa que deve ser estimulada, em todas as Tropas Escoteiras.

O espírito de investigação e a vivacidade comum dos jovens podem ser consideravelmente desenvolvidas fazendo-os percorrer o caminho com o mapa na mão (identificando pontos de referência, estimando alturas e distâncias, observando e anotando detalhes sobre pessoas, veículos e gado), fazendo-os reproduzir em cena histórias de Sherlock Holmes, e por muitas outras práticas escoteiras. Sinalização aguça o espírito, desenvolve a vista e estimula o estudo e a concentração. Instrução sobre primeiros socorros também tem valor educativo semelhante.

Os dias feios e chuvosos podem ser utilmente empregados pelo Chefe Escoteiro na leitura dos itens principais das notícias do jornal diário,

acompanhando-as pelo mapa, etc., etc. A realização de representações e espetáculos, reproduzindo a história do lugar, é também um excelente meio de levar os jovens a estudar e a se expressar sem acanhamento.

AUTO-EXPRESSÃO

Nossa especialidade de artista foi estabelecida para induzir os jovens a manifestarem graficamente suas ideias, utilizando sua própria observação ou imaginação, sem pretenderem, com isso, ser ou imitar artistas. Encorajando o desenho embora rudimentar, podemos levar o jovem a sentir beleza nas cores ou nas formas e a compreender que mesmo em lugares sórdidos há ainda, efeitos de luz e sombra, colorido e beleza.

Um segundo passo pode ser dado levando o jovem a praticar a fotografia mental, que consiste em observar todos os detalhes de uma cena, incidente ou pessoa, fixando-o na memória para, depois, ir reproduzi-los no papel. Isto desenvolve a observação ao mais alto grau. Pessoalmente concluí que uma pessoa pode, pela prática, desenvolver um considerável poder nesse sentido.

Ritmo é uma forma de arte que influencia naturalmente, mesmo aos espíritos mais primários, seja ele expresso em poesia, música ou movimentos. Ele proporciona ordem e equilíbrio que exercem um natural apelo, até mesmo (e especialmente) entre aqueles que vivem mais próximos da natureza - os selvagens. Sob a forma de música, ele é, com certeza, mais evidente e universal. O canto de guerra Zulu¹, quando entoado por quatro ou cinco mil guerreiros, é um exemplo de ritmo, pela combinação de música, poesia e movimentos cadenciados.

O prazer de fazer música é comum a toda a espécie humana. O canto, como um engaste às palavras, possibilita a expansão da alma e uma voz bem aproveitada constitui um prazer, tanto para o cantor como para seus ouvintes.

¹ O canto de guerra Zulu citado é o Ingoniama, que impressionou fortemente B-P, que o descreve no livro "Escotismo para Rapazes".

Contar e representar são excelente forma de praticar auto-expressão. Também exigem bom trabalho de conjunto, tendo todos que aprender sua parte e executá-la bem, não para serem aplaudidos pessoalmente, mas pelo sucesso da apresentação geral.



Através do gosto natural pela música o jovem pode, por fácil e também natural transição, ser levado à poesia e a outros sentimentos mais elevados. Ela abre rapidamente uma porta, para o Chefe ensinar alegria aos jovens, elevando, ao mesmo tempo, o tônus de seus pensamentos.

Representações teatrais também devem ser incluídas na educação para auto-expressão dos jovens. Na escola fui encorajado a participar de uma série de espetáculos teatrais e, desde então, tenho agradecido à minha boa estrela que tal coisa tenha acontecido. Por um lado, isto ensinou-me a exercitar a memória, aprendendo laudas e laudas de papel, de cor; por outro lado, também, a falar claramente e sem nervosismo diante de uma porção de pessoas. Proporcionou-me, ainda, a nova satisfação de poder tornar-me uma outra pessoa por algum tempo. Isto me levou a conhecer as belezas de Shakespeare¹ e outros autores, ensinou-me a sentir (enquanto as expressava) as emoções de alegria, tristeza, amor e dor. E, acima de tudo, deu-me o prazer e a felicidade de divertir outras pessoas nos momentos em que disso necessitavam.

Muitas tropas, presentemente, estão dando espetáculos nos meses de inverno e assim estão não só acrescentando apreciáveis somas a seus recursos econômicos, mas também proporcionando bom treino a seus rapazes e prazer a outros.

¹ William Shakespeare (1564-1616). O mais famoso poeta e dramaturgo inglês. Nota do Tradutor

DA PEQUENA HABILIDADE À FUTURA PROFISSÃO

Pequenas manias e passatempos, trabalhos manuais, espírito de investigação e saúde, são etapas preliminares para o desenvolvimento do amor ao trabalho e da capacidade de execução, tão essenciais à eficiência. A Segunda etapa consiste em ajustar o jovem na espécie de trabalho que lhe é adequada.

Os melhores trabalhadores, como os mais felizes dos viventes, encaram o seu trabalho como um esporte: quanto mais duro seja o jogo, mais o apreciam.

H. G. Wells¹ disse: “Tenho observado que as chamadas grandes personalidades têm, na verdade, um cerne juvenil, isto é, são joviais no ardoroso amor à sua profissão. Trabalham porque gostam de trabalhar e deste modo seu trabalho é, na verdade, um prazer para eles. O jovem não é somente o precursor do adulto, mas é o próprio adulto e ele nunca desaparece de todo”.

Ralph Parlette² disse acertadamente: “Há duas maneiras de trabalhar: gostando de fazer as coisas e tendo de fazê-las”.

No Escotismo procuramos ajudar os rapazes a adquirir a primeira daquelas atitudes, fazendo-os entusiasmarem-se diretamente pelos assuntos que os atraíam, e que mais tarde lhes serão úteis.

Fazêmo-lo, primeiro e, sobretudo, através do divertimento e alegria do Escotismo. Os jovens progredindo gradualmente, podem então ser conduzidos, naturalmente e sem o sentir, a desenvolverem-se a si próprios para o futuro.

A CO-PARTICIPAÇÃO DO CHEFE

Já falei bastante sobre como um jovem pode ser preparado praticamente para uma profissão por meio do Escotismo.

Mas isto apenas o prepara. Está, ainda, ao alcance do seu Chefe proporcionar-lhe ajuda, no sentido de que faça dessa profissão um verdadeiro êxito. Em primeiro lugar, expondo ao jovem as maneiras de aperfeiçoar a instrução superficial recebida como Escoteiro, como seja, por exemplo, poder ele transformar seus passatempos e habilidades em arte, habilitação ou trabalho profissional.

¹ H. G. Wells (1866-1946), escritor inglês, de “romances científicos”, ficou famoso por “A Guerra dos Mundos”, “A Ilha do Dr. Moreau” e “O Alimento dos Deuses”.

² Ralph Albert Parlette (1870-1930), escritor inglês muito conhecido por seu livro “University of Hard Knocks: The School That Completes Our Education” (Universidade dos Cascudos - A escola que complementa nossa educação) lançado em 1917, considerado um clássico, falando da importância do aprendizado através da vida, se opondo ao aprendizado formal.

O Chefe pode indicar-lhe onde e como conseguir maiores conhecimentos técnicos, como obter bolsas de estudo, realizar aprendizados profissionais, como preparar-se para profissões especializadas, como empregar suas economias, como se deve pedir um emprego e assim por diante.

Em segundo lugar, o Chefe, pelo seu próprio conhecimento das diferentes agências de emprego, de como utilizá-las e das condições de trabalho nas diversas profissões, pode prestar auxílio inestimável ao jovem, orientando-o, de acordo com suas habilitações, para o curso da vida que melhor se lhe adapte. Tudo isso exige que o Chefe Escoteiro esteja completamente informado destas e de outras coisas.

Com um pequeno trabalho, poderá ele proporcionar êxito na vida a muitos jovens.

É um bom estímulo para qualquer um, mesmo sendo um modesto “moço/moça de recados”, estar convicto de que cumpre tão bem seus deveres que seu patrão não admite a existência de um melhor mensageiro e que está, seguramente, no caminho de uma promoção e melhoria. Mas ele deve ter persistência e não se deixar dominar por crises de desânimo ou desinteresse. Se entregar-se a eles, nunca terá êxito. Paciência e perseverança triunfam. Afinal, “devagar se vai ao longe”.

OS EMPREGOS

O Chefe Escoteiro, pela observação e estudo do caráter, da responsabilidade e das aptidões de cada um, poderá, até certo ponto, reconhecer o caminho que ele deve seguir na vida. Mas ele deve compreender que nessa questão de profissão ou emprego cabe ao próprio jovem e seus pais resolverem.

É pois questão de entendimento com os pais, de modo a adverti-los sobre o perigo de colocarem seu filho/filha em um emprego pouco adaptado às condições naturais do jovem, pela única razão de começá-lo imediatamente, com um bom ordenado. Procure fazer com que, tanto eles como o jovem, olhem para mais adiante e percebam as melhores possibilidades ulteriores que se lhe deparam se for encaminhado na boa direção.

Aqui é importante saber distinguir entre os empregos e profissões, aqueles que realmente oferecem futuro e os que a nada conduzem, que podemos chamar de verdadeiros “becos sem saída”.

Estes últimos geralmente oferecem bons pagamentos a quem está começando e, pelo fato de assim melhorarem a situação financeira da família, são escolhidos prontamente pelos pais do jovem, sem considerarem circunstância que não lhe proporcionam nenhum progresso para o futuro, na profissão, quando adulto.

E, entre as colocações que realmente oferecem futuro, é preciso escolher cuidadosamente a que de fato se adapte às capacidades individuais. E assim o jovem pode ser preparado para ela enquanto ainda for escoteiro. Um emprego que exija uma perícia especial é positivamente melhor que outro que possa ser ocupado por qualquer pessoa, no que concerne ao êxito futuro, na vida. Deve-se, também, tomar cuidado em evitar que tudo isso seja considerado tardiamente, quando já seja tarde para o adolescente pôr-se em condições de satisfazer às exigências e padrões da carreira ambicionada.



Um Escoteiro age ativamente, praticando o bem, e não passivamente, sendo apenas "bonzinho".

SERVIÇO AO PRÓXIMO

Os atributos que até agora estivemos estudando, visam a transformar os jovens em cidadãos adultos, sadios, felizes e trabalhadores. São, de certa forma egoística, destinados ao bem do indivíduo. Chegamos, agora, a quarta parte da formação escoteira, mediante o qual, pelo desenvolvimento do seu horizonte, a juventude adquire o hábito de preocupar-se com o bem do próximo.

EGOÍSMO

Se me perguntassem qual o maior mal que existe no mundo eu responderia: - egoísmo. Você pode, à primeira vista, não concordar comigo neste ponto, mas pense nisto e acabará chegando à idêntica conclusão. A maioria dos crimes

punidos pela lei tem como origem primária, a indulgência para com o egoísmo, apresente-se ele sob a forma de desejo de posse, de derrotar ou de vingarse. A pessoa, normalmente, dá com prazer uma esmola para matar a fome de um pobre e sente-se satisfeito de ter, assim, cumprido seu dever. Mas ele não irá privar-se de seu próprio alimento e bom vinho, tirando de si, com essa finalidade.

O egoísmo existe sob mil aspectos diferentes. Tome, por exemplo, a política. As pessoas, aí, chegam a ver uma questão que indiscutivelmente tem dois aspectos, exatamente como se só tivesse uma maneira possível de ser encarada, que é propriamente a sua. Chegam, então, a odiar outra pessoa que tenha um ponto de vista contrário ao seu. O resultado pode levar as pessoas a praticarem os maiores crimes, sob altissonantes títulos. Iguamente, tem surgido guerras entre as nações, pelo fato de nenhum dos partidos ser capaz de ver o ponto de vista do outro, estando inteiramente obcecado por seus próprios interesses. Também as greves e paredes são frequentemente, o resultado do desenvolvimento do egoísmo. Em muitos casos, os empregadores têm deixado de reconhecer que uma pessoa trabalhadora deve, a bem da justiça, merecer uma parcela de bens do mundo em troca do seu esforço, e não ser condenado à servidão perpétua, simplesmente para assegurar maior margem de lucros aos donos da empresa. Por outro lado, também, o trabalhador tem que reconhecer que, sem capital, não poderá haver trabalho em larga escala e não pode existir capital sem certo lucro, pelos riscos que correm seus acionistas.

Em qualquer jornal pode-se, diariamente, encontrar inúmeras demonstrações de egoísmo, como, por exemplo, essas cartas desses indivíduos de espírito mesquinho e estreito que a qualquer pequena injúria ou injustiça, correm logo para os jornais afim de “desagravar-se pela imprensa”.

E assim, isto também se manifesta até nas crianças, brincando e jogando na calçada, quando uma delas, descontente por não ter participado da vitória, repentinamente abandona a partida, exclamando: - “Eu não quero mais brincar!”. O fato de perturbar a alegria dos demais, egoisticamente, não o preocupa, uma vez que tenha sido compensada sua decepção.

PARA LIQUIDAR O EGOÍSMO, O HÁBITO DA BOA AÇÃO

O Escotismo tende de uma maneira mais prática, a educar o jovem, afastando-o de hábitos egoísticos. Assim que ele se torna acessível ao bem, está no bom caminho para eliminar o perigo dessa tendência.

A Promessa que um escoteiro faz ao entrar para o Movimento, tem como primeira parte: “Cumprir meus deveres para com Deus”. Note que ele não diz: “Ser leal para com Deus” (pois isto seria simplesmente um estado de espírito), mas categoricamente, cumprir alguma coisa que é uma atitude ativa e positiva.

O método próprio do Movimento consiste em proporcionar-lhe os meios de exercer atividade positiva, em vez de, simplesmente, recitar-lhe preceitos restritivos; e isto porque o jovem está sempre mais disposto a agir do que a pensar.

Foi por isso que incluímos em suas atividades da vida diária a pratica de boas ações, como base de futura boa vontade e auxilio a outrem. O fundamento religioso aí existente é comum a todas as Igrejas e nós, nesse assunto, não vamos, portanto, de encontro a nenhuma.

O jovem pode então compreender melhor que uma parte de seus “deveres para com Deus” é zelar e desenvolver os dons que Ele lhe concedeu, como um sagrado depósito, para sua passagem pela vida; seu corpo com saúde, energia e poder de reprodução que devem ser empregados a Seu serviço; o espírito com os maravilhosos dons do raciocínio, memória e discernimento, que o colocam acima dos animais; e a alma, essa própria parcela de Deus que está dentro dele, manifestando-se em amor e bondade, que podem ser desenvolvidos e fortalecidos pela sua contínua prática e expressão.

Assim, ensinamo-lo que cumprir o dever para com Deus não consiste, unicamente, em inclinar-se face a sua infinita bondade, mas em executar sua vontade pela pratica do amor a nossos semelhante. E o curioso é que esta obrigação do serviço ao próximo, através de boas ações, é uma das coisas que os escoteiros executam com grande satisfação. Sobre este, aparentemente, pequeno alicerce (a renúncia de pequenos interesses ou prazeres pessoais, a fim der prestar um serviço) repousa o espírito de auto-sacrifício pelo bem do próximo.

A prática das pequenas boas ações incluída na Promessa Escoteira é, propriamente, o primeiro passo. O estudo da natureza e o amor para com as plantas e os animais, faz aumentar o sentimento de bondade juvenil, vencendo os traços da crueldade que dizem ser inerentes às crianças (embora, pessoalmente, eu não esteja convencido que isto seja tão geral quanto se supõe). Partindo dessas pequenas boas ações, o escoteiro começa a aprender primeiros socorros e cuidado com feridos e, na sequência natural de aprendizagem, a como salvar vidas em caso de acidente. Assim ele desenvolve um senso de dever para com o próximo e uma dedicação espontânea no perigo.

Isto ainda induz ao espírito de sacrifício pelo próximo, pela família e pela Pátria, daí levando-o ao patriotismo e fidelidade, de muito mais valor que o entusiasmo apresentado ao simples agitar de uma bandeira.



O Escotismo é uma grande fraternidade - um plano que, na prática, derruba diferenças de classes, credos, raças e regionalismos, através do indefinível espírito que o invade - o espírito dos Cavalheiros de Deus.

SERVIÇO À COMUNIDADE

Ensinar a servir não é propriamente um assunto de lições teóricas, mas o desenvolvimento de duas fases distintas: 1º - Estimular o espírito de boa vontade; 2º - Proporcionar oportunidades para pô-lo em prática. O ensino se realiza, principalmente, pelo exemplo e o Chefe, com sua dedicação patriótica ao

serviço da juventude, somente pela alegria de fazê-lo, sem visar recompensas materiais, indica exatamente o caminho acertado.

A oportunidade para a prática é oferecida pelo Chefe Escoteiro, que vai sugerir aos jovens trabalhos especiais de serviço à comunidade.

Os serviços ao público oferecem o melhor meio para treinamento prático dos sentimentos de dever para com a comunidade, de patriotismo e de autodedicação, através de realizações.

O trabalho dos escoteiros, na paz e na guerra, assumindo, voluntariamente, árduos encargos ao serviço da Pátria, é, ele próprio, uma prova do entusiasmo juvenil em realizar boas obras e de sua presteza em adquirir eficiência quando tem um bom objetivo em vista. É esta poderosa maneira de desenvolver, em linhas práticas, o ideal da cidadania. Como um exemplo característico do serviço público, pode-se mencionar o Serviço Escoteiro Contra Incêndio e Calamidades, (Serviço de Emergência) para vilas e pequenas cidades.

Este serviço é especialmente indicado para os Pioneiros e é essencialmente atraente para os jovens de mais idade, porque lhes oferece oportunidade de praticar e prestar serviços ao público.

O Clã é organizado, equipado e treinado principalmente para o combate ao fogo; depois, tendo adquirido maior habilidade para lidar com toda espécie de acidentes que possam suceder nas suas proximidades, como sejam: atropelamentos e acidentes de ruas, explosões de gases, agentes químicos ou outras substâncias, enchentes e inundações, desastres de ônibus e estradas de ferro, quedas de árvores, desmoronamentos, acidentes elétricos, insolações, afogamentos, embarcações viradas, quedas de aviões, etc. Tudo isto exige, além de exercício, material e primeiros recursos necessários ao trabalho dos bombeiros e também, o conhecimento e prática dos métodos de retirar um acidentado e ministrar-lhe os primeiros socorros indicados para cada caso. Assim, é preciso o conhecimento de gases e produtos químicos, saber manejar botes e embarcações, improvisar balsas ou jangadas, usar cabos e salva-vidas, conhecer os processos de salvamento na água, respiração artificial, conduta com cavalos desenfreados e animais espantados, cabos condutores de eletricidade, líquidos em ebulição, etc.

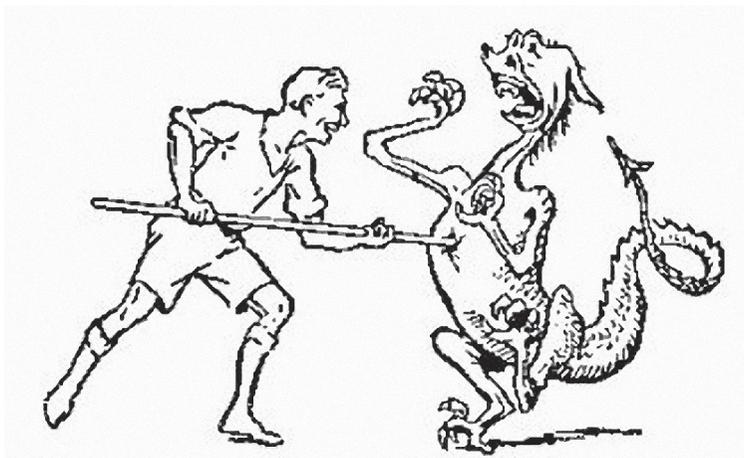
Em alguns casos poderá ser melhor que cada equipe se especialize em certa forma particular de acidentes, mas, de um modo geral, se as equipes praticarem todas, uma por vez, chegarão à eficiência total para o Clã inteiro.

A organização para um acidente, entretanto, confere deveres específicos a cada equipe, por exemplo, de salva-vidas, primeiros socorros, mantenedores da ordem pública, mensageiros, etc. A variedade de missões a serem cumpridas oferece uma série enorme de atividades no gênero das que seduzem os jovens. As mobilizações frequentes, para praticar em acidentes improvisados, são essenciais para manter a eficiência e o entusiasmo.

Quando a eficiência torna-se evidente, o interesse público é despertado e este é levado ao ponto de cooperar. Deve-se, pois, reconhecer que o esquema tem um duplo valor: o da educação da juventude e o do benefício para a comunidade.

EFEITOS POSTERIORES

A repressão do “ego” e o desenvolvimento desse amor e serviço ao próximo, produz uma transformação total nos sentimentos do indivíduo, revelando-lhe a existência de Deus e refletindo o fulgor de um verdadeiro Céu. Faz dele um ser diferente. A questão passa a ser para ele não mais: “O que poderei obter?” Mas, “o que poderei dar na vida?” Seja qual for, afinal, a forma de religião do jovem, ele terá compreendido quais são os seus fundamentos e, praticando-os, conhecê-les-á melhor, vindo a tornar-se um cidadão de visão ampla, bondoso e delicado a seus semelhantes.



*Com caráter e bom humor, o rapaz
afastará o mal de seu caminho.*

PARA RESUMIR

Em síntese, o objetivo de nosso Escotismo é cativar o espírito dos jovens em plena fase de ardente entusiasmo, orientá-lo no bom caminho e estimular o desenvolvimento de sua individualidade de modo que o jovem possa se auto-educar e se tornar uma pessoa de bem e um cidadão válido e útil a seu país. Assim agindo, nós pretendemos estar servindo à Pátria, fortalecendo-a moral e materialmente.

Porém, desenvolvendo o espírito e aspirações nacionais, sempre corremos o risco de nos quedarmos com a visão estreita e invejosa de outros países. Se não o evitarmos, criaremos, justamente, o mal que ansiosamente queremos evitar.

Felizmente, no Movimento Escoteiro, temos irmãos-escoteiros já organizados na maioria dos países civilizados do mundo, e já construímos um tangível núcleo de uma fraternidade universal. Esta potencialidade tem sido completada pelo desenvolvimento do movimento paralelo de nossas irmãs, as Guias.

Em todos os países, a finalidade do treinamento escoteiro é idêntica e resume-se em: eficiência no serviço ao próximo. Com um objetivo comum de tal natureza, podemos seguir avante e, construindo uma fraternidade universal do serviço, realizar uma obra de grande amplitude. Em nossa formação do jovem nós desenvolvemos-lhes o espírito e a eficiência individuais, fazendo-o tornar-se um participante efetivo do jogo, no time de cidadãos de sua nação. Aplicando o mesmo princípio, ao caso de uma nação, nós deveríamos experimentar desenvolver o verdadeiro espírito e possibilidades de cooperação capazes de fazê-la atuar eficazmente no “conjunto” das nações.

Se cada um, então, atuar no seu lugar e “jogar o jogo”, haverá maior prosperidade e felicidade pelo mundo. E surgirá, finalmente, aquilo que há tanto tempo buscamos:

“PAZ E BOA VONTADE ENTRE AS PESSOAS”





União dos Escoteiros do Brasil - Escritório Nacional
Rua Coronel Dulcídio, 2107 - Bairro Água Verde
CEP 80250 100 - Curitiba - Paraná
Tel.: 41. 3353 4732
www.escoteiros.org.br